

Um Programa de Grandes Dimensões

Este livro é um registro das marcas que o Programa de Transferência de Renda (PTR) de Brumadinho, operacionalizado pela Fundação Getúlio Vargas, deixou na vida de quem o recebeu. Instituído após o rompimento da barragem em Brumadinho, ocorrido em janeiro de 2019, o programa estruturou-se como um megaprojeto que beneficiou milhares de pessoas ao longo de toda a bacia do Rio Paraopeba.

Por meio de ensaios fotográficos e depoimentos, a obra acompanha o percurso das águas e das vidas afetadas. Ao invés de registrar indicadores operacionais e logísticos, o livro joga luz sobre o impacto do benefício na rotina das pessoas e de suas famílias: a reforma de moradias, a abertura de novos negócios, o acesso à educação e a conquista de estabilidade. Unindo técnica e sensibilidade, esta publicação pretende trazer uma visão humanizada sobre o recomeço e a dignidade nas margens do Paraopeba.





REPARAÇÃO

O Rio Paraopeba
e suas vidas_



Carlos Ivan Simonsen Leal
Presidente

Clovis José Daudt Darrigue de Faro
Vice-Presidente

Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque
Vice-Presidente



Luiz Carlos G. Duque
Diretor Executivo

Irineu R. Frare
Diretor de Estratégia e Mercado



André Andrade
Coordenador Geral

Rodrigo Gonçalves dos Santos
Coordenador Geral Adjunto

Daniela Hanaque Moshe
Coordenadora de Logística

Izabel Nuñez
Coordenadora de Gestão

Joelson Sampaio
Coordenador de Recursos

Luiz Lourenço de Mello Filho
Coordenador de Informação

Marcela Galvani Borges
Coordenadora de Relacionamento

Renata Affonso
Coordenadora de Comunicação

Créditos Editoriais:

Izabel Saenger Nuñez (Coordenação Editorial); Igor Cunha (Assistente Editorial); Luiz Fernando Antunes (Projeto Gráfico e Diagramação); Carolina Barbosa (Diagramação); Marcela Burger Sotto Maior (Mapas) Verônica Manevy e Rafael Diniz (Fotografia)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Reparação: o Rio Paraopeba e suas vidas / Izabel Saenger Nuñez (coordenadora). - Rio de Janeiro : FGV Projetos, 2026.
156 p.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-02-21220-2

1. Programas de sustentação de renda – Paraopeba, Rio, Vale (MG).
 2. Políticas públicas - Paraopeba, Rio, Vale (MG).
 3. Fotografia documental - Paraopeba, Rio, Vale (MG).
- I. Nuñez, Izabel Saenger. II. FGV Projetos.

CDD – 339.2

Elaborada por Mariane Pantana Alabarce – CRB-7/6992

SUMÁRIO_

Apresentação	02
A dimensão do Programa de Transferência de Renda	07
Vozes do Paraopeba: rostos e relatos da reparação.....	11
Cartografia das Vozes	137
Posfácio	139



APRESENTAÇÃO_

O Rio Paraopeba e suas vidas_

Em 25 de janeiro de 2019, o tempo fraturou-se em Minas Gerais. O rompimento da barragem em Brumadinho não apenas cobriu a terra de rejeitos; ele rasgou o cotidiano de milhares de pessoas que tinham no Rio Paraopeba o seu eixo de existência. A água, antes sinônimo de sustento, rito e lazer, transformou-se subitamente em uma ausência dolorosa, uma barreira física e simbólica entre a memória do passado e a profunda incerteza do amanhã.

Esta publicação, concebida pela Fundação Getúlio Vargas, propõe uma imersão artística e documental que recusa o distanciamento das estatísticas frias. Ainda que os números revelem uma operação de escala monumental, consolidando o Programa de Transferência de Renda como o maior do gênero na América Latina, a verdadeira medida da reparação reside estritamente na escala humana.

O livro oferece uma exposição impressa, através da qual a força da fotografia e a delicadeza da palavra escrita caminham juntas para restituir a identidade e a autonomia que o desastre ameaçou apagar.

Ao percorrer o leito do rio, partindo de Brumadinho até alcançar os municípios de Pompéu e Felixlândia, a obra constrói um itinerário sensível de rostos e vozes. Não se trata de estetizar o sofrimento, mas de capturar a vida que volta a reivindicar seu espaço. Vemos a dor incurável da ausência no relato de Anastácia, que chora a vida interrompida do filho, mas cruzamos também com a dignidade de Márcia, que hoje dorme sossegada porque o recurso lhe permitiu consertar o telhado por onde a chuva antes invadia sua casa.

Paraopeba (MG)

Margem do Rio Paraopeba 6 anos após o rompimento da barragem.

Foto: Veronica Manevy, 2025

Cada retrato é um testemunho das possibilidades de reconstrução das pessoas e suas vidas no território. A câmera detém-se nas mãos que voltam a produzir: na chácara de rosas de Luciana, no comércio de Dirceu no Shopping da Minhoca, ou no sonho universitário de Liziane, no Quilombo do Sapé. Os retratos traduzem um respeito profundo pelas tradições que ancoram essas comunidades, refletido no reconhecimento dos Povos de Matriz Africana, como Babá Edvaldo, e na resistência das lideranças indígenas que enxergam no rio um pedaço sagrado de sua existência.

A atuação da FGV Projetos revela-se, nessa trajetória, não como uma engrenagem burocrática, mas como um exercício de observação e escuta ativa. As equipes de campo percorreram mais de um milhão de quilômetros, por estradas e balsas, movidas pela premissa de que a técnica de gestão só é legítima se for amparada pela empatia. Os relatos dos profissionais que operaram o programa evidenciam que o ato de acolher transformou profundamente quem atendeu e quem foi atendido.

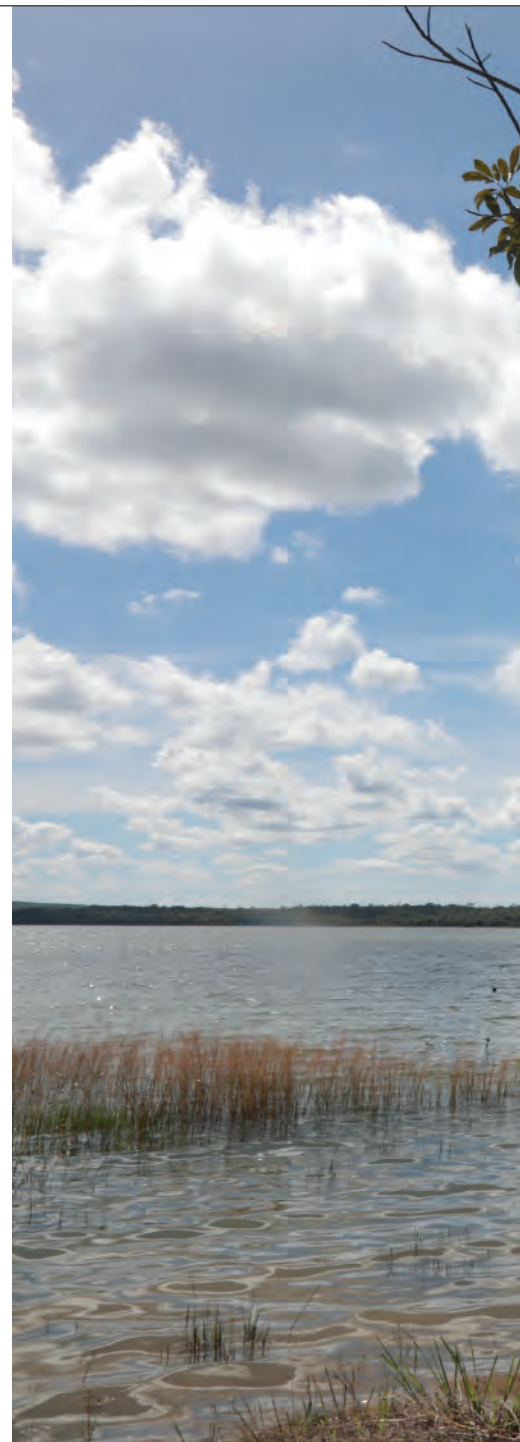
Esta exposição em páginas é, em última análise, um manifesto sobre a insistência do recomeço. O ciclo do programa se concluirá, mas o patrimônio humano fixado nestas imagens permanecerá inabalável. É o registro lírico de um povo que, diante da lama, escolheu reerguer suas casas, reaver o direito ao próprio sorriso e continuar correndo ao lado de suas águas.

Coordenação FGV PTR

Paraopeba (MG)

Margem do Rio Paraopeba 4 anos após o rompimento da barragem.

Foto: Veronica Manevy, 2023







Veículo mobilizado pela FGV
para atividades de campo do
programa.

Foto: Verônica Manevy, 2023



Depoimentos FGV_

Luiz Carlos G. Duque

Diretor Executivo
da FGV Projetos

Gerenciar o PTR exigiu da FGV Projetos a construção de uma engrenagem operacional multidisciplinar. O desafio central foi desenhar sistemas integrados para processar milhões de pagamentos com margem mínima de erro e, em paralelo, coordenar equipes de campo por uma área extensa. Essa complexidade logística só alcançou efetividade porque soubemos alinhar o rigor metodológico à escuta sensível das famílias na ponta.

Irineu R. Frare

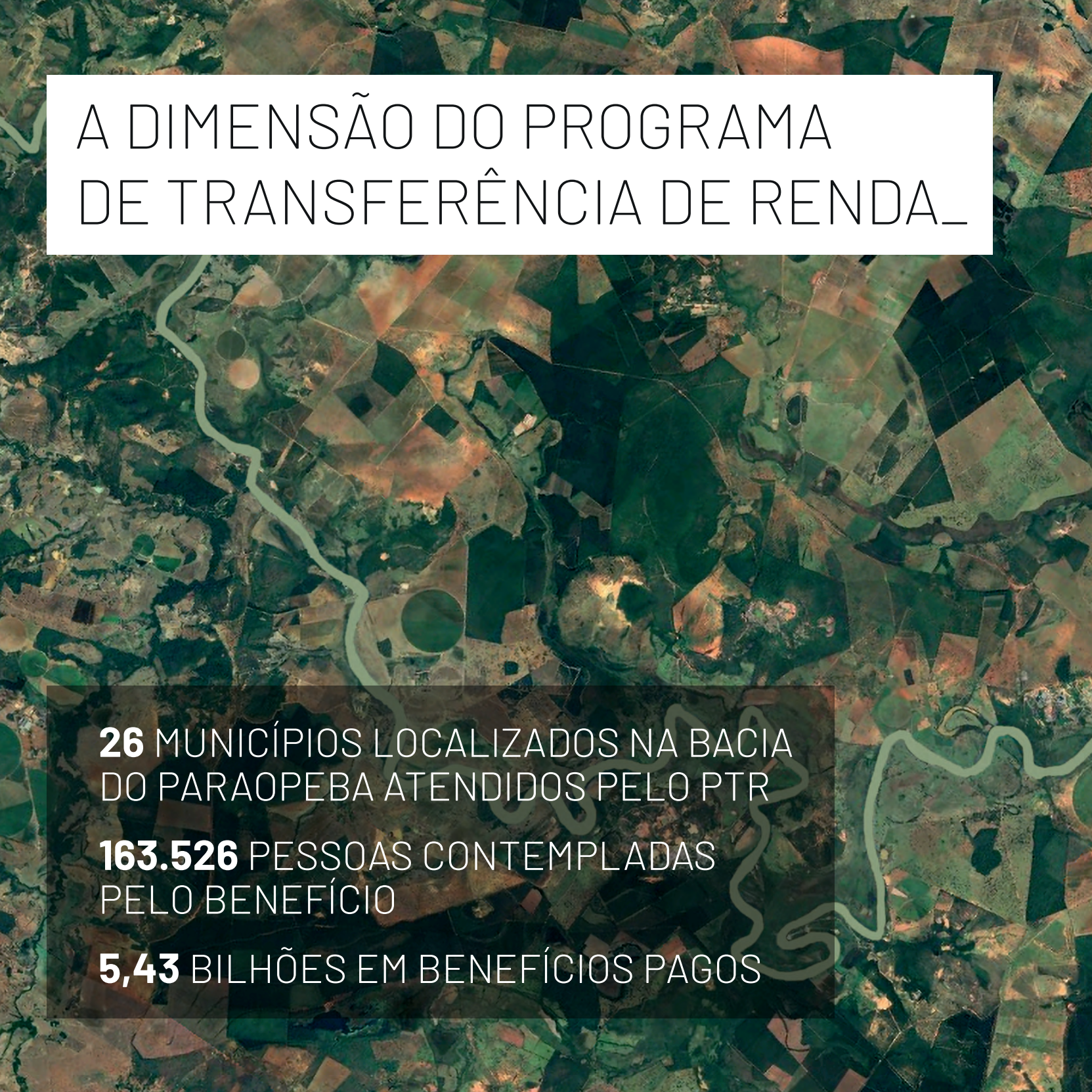
Diretor de Estratégia e Mercado
da FGV Projetos

A operacionalização do PTR consolidou-se como um marco na gestão de megaprojetos de reparação socioeconômica ao alinhar alta complexidade logística a uma arquitetura de dados e processos robusta. A aplicação de metodologias integradas de governança, o controle rigoroso de compliance e a auditoria em tempo real permitiram mitigar riscos e garantir a segurança jurídica do programa.

André Andrade

Gerente Executivo da FGV Projetos
e Coordenador do PTR

É sobre preparar o futuro da terra que foi atingida já que não dá para mudar o passado. É poder enxergar esperança em cada rosto.



A DIMENSÃO DO PROGRAMA DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA

26 MUNICÍPIOS LOCALIZADOS NA BACIA
DO PARAÓPEBA ATENDIDOS PELO PTR

163.526 PESSOAS CONTEMPLADAS
PELO BENEFÍCIO

5,43 BILHÕES EM BENEFÍCIOS PAGOS



Trecho do Rio Paraopeba (MG)

Imagem de satélite com sobreposição digital (alargamento e padronização de cor) do leito do rio.

Foto: Google Maps, 2026





Brumadinho (MG)

Imagem aérea do Rio
Paraopeba na região de Alberto
Flores, em Brumadinho (MG).

Foto: Rafael Diniz, 2025

VOZES DO PARAÓPEBA: ROSTOS E RELATOS DA REPARAÇÃO

As múltiplas histórias de um processo de reparação não se contam apenas por meio de dados; elas se inscrevem nas vidas e se traduzem nas trajetórias das pessoas beneficiárias de tais ações. Nesta seção, abrimos espaço para a dimensão humana que fundamenta o Programa de Transferência de Renda. A seguir, retratos e relatos de quem vivenciou tanto os impactos do desastre quanto os caminhos da reconstrução ao longo da bacia.

Cada registro combina fotografia, depoimento em primeira pessoa, localização e uma breve biografia. Intercalados a esses relatos, o livro traz também vozes de autoridades, jornalistas e representantes de serviços públicos que acompanharam essa história de perto.

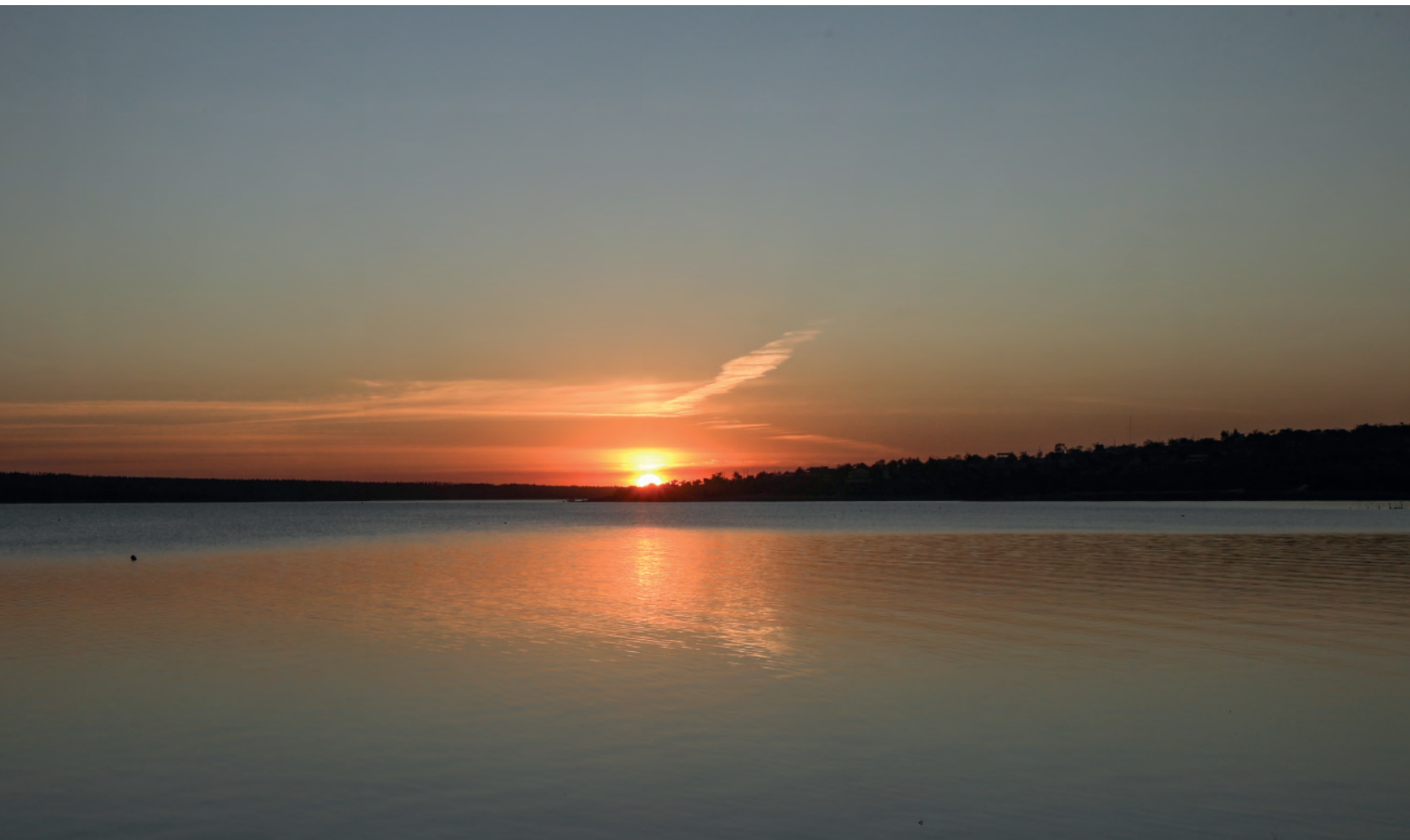
Essa pluralidade enriquece a narrativa, unindo a vivência comunitária à visão institucional de quem acompanhou a reparação. A sensibilidade visual que conduz esta jornada é fruto de um convívio próximo no campo. As fotos foram feitas por Veronica Manevy, fotógrafa que atuou na equipe de comunicação do projeto, cujo olhar atento registrou a dignidade e a busca por recomeço de cada um dos entrevistados.

Paraopeba (MG)

Pôr do sol às margens do Rio
Paraopeba.

Foto: Veronica Manevy, 2025



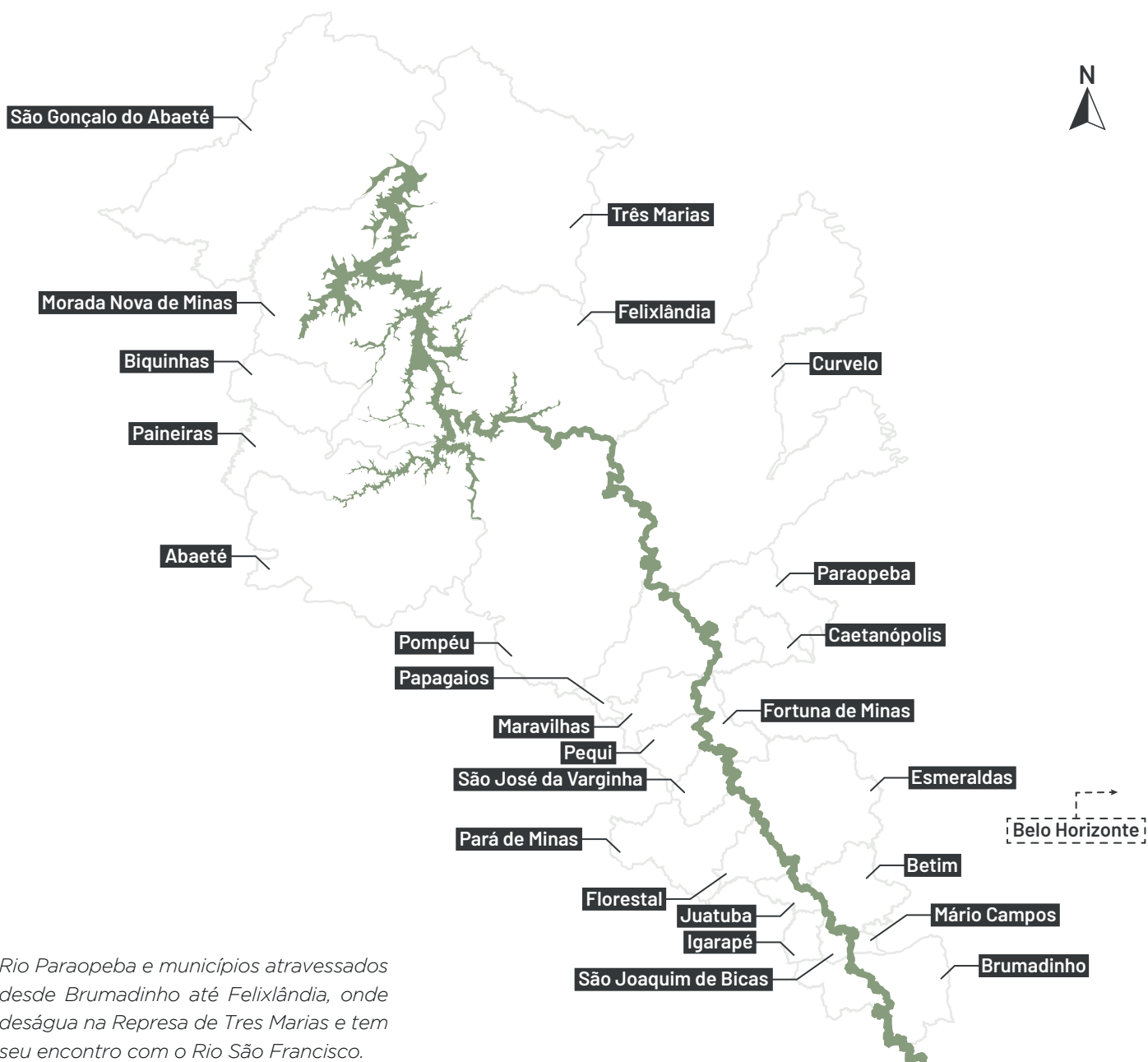


Paraopeba

Chamam-no de largo. É o que diz seu nome, em tupi: pará, rio, e peba, aquilo que é chato, plano, aberto. Nasce na Serra da Moeda, em Cristiano Ottoni, onde o relevo ainda é acidentado e a água desce com dificuldade. Depois a terra vai abrindo, e ele se alarga. Percorre mais de quinhentos quilômetros até se perder na represa de Três Marias, em Felixlândia, que o leva ao São Francisco, que o entrega ao mar.

Atravessa trinta e cinco municípios. Entra em casas, em sonhos, em corpos. É bebido, lavado, pescado. Corvinas, curimatás, surubins, dourados: carrega tudo isso em si como se carrega memória. Nas suas margens nasceram filhos, lavaram e secaram roupas, foram feitas promessas, se pescou alimento. Crianças aprenderam a nadar nele antes de aprender a ler. Velhos mediram o tempo pelas cheias e pelas secas. As pessoas que vivem nas suas margens sabem que não é recurso. É parente.

Este rio tem três idades. No alto, é jovem e preservado, com mata fechada e pouca gente. É a parte dele que o tempo ainda não passou. No meio, é outro, a mineração o conhece há séculos, sabe onde dói, sabe o que tem dentro. As barragens se acumulam, o leito carrega ferro, a paisagem muda de cor. No baixo, é cansado. Atravessa cidades, abastece indústrias, entra nas torneiras sem que ninguém pense de onde vem. É exigido sem ser cuidado. Mas segue. É assim que aprendeu a durar e é assim que as pessoas que vivem nas suas margens também aprenderam.

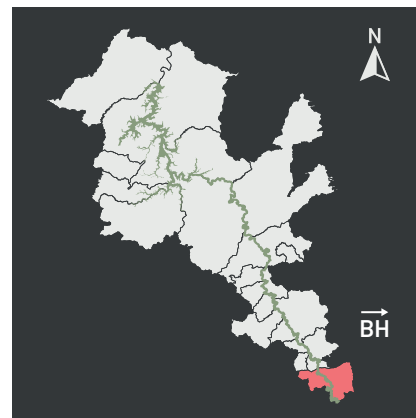


Liziane

Liziane das Graças Agostinho, 41 anos, nasceu e cresceu no Quilombo do Sapé, em Brumadinho (MG). Técnica de enfermagem, atua há 15 anos na prefeitura. Faz graduação em Enfermagem — um sonho viabilizado pelo PTR. Orgulhosa de suas raízes, ressalta a união entre gerações e a força da comunidade quilombola. Para ela, o programa representou dignidade e melhores condições de vida, permitindo cuidar da família, investir nos estudos e promover o bem-estar coletivo.



**Quilombo do Sapé,
Brumadinho**





Quando recebi a renda, estudei bem sobre o que eu ia fazer. Sempre quis ter uma casa própria e consegui construir a minha casa. Também ajudei minha mãe na casa dela. E sei que o programa ajudou muitas famílias. Eu não tinha condições de fazer faculdade antes. Vou me formar no final do ano que vem e o dinheiro do PTR também me ajuda a comprar medicamentos para minha família. Também consegui ir a Nossa Senhora Aparecida porque sou devota dela.

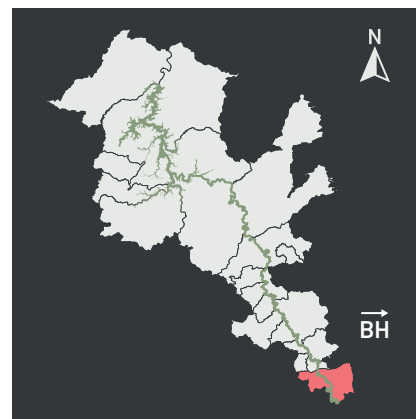
Liziane das Graças Agostinho

Cláudia

Presidente da Associação Regional de Casa Branca, Cláudia atua em defesa da população atingida. Mãe de duas meninas, usou o PTR para reformar a casa, investir nos estudos das filhas e garantir melhor alimentação. Arquiteta autônoma, teve projetos suspensos após o rompimento e viu no programa uma diferença concreta para quem mais precisava.



**Casa Branca,
Brumadinho**



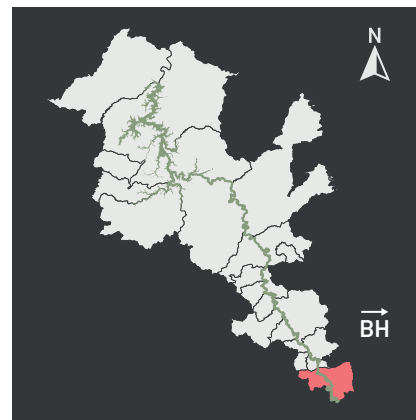


O PTR é muito significativo para as pessoas mais vulneráveis. O programa deu mais dignidade, trouxe mais comida, mais vida, mais divertimento. O PTR fez mais diferença na vida das pessoas que mais necessitavam.

Cláudia Marina Ribeiro Moura

Luzinete

Vice-cacica do território Kamakã Mongoió, Katorã começou a receber o PTR em 2025. O benefício garantiu segurança alimentar para os netos, compra de medicamentos e de um veículo e fomento à agricultura familiar. Para ela, o programa promove dignidade e fortalece a reconstrução material e simbólica do povo indígena.



**Kamakã Mongoió,
Brumadinho**



A gente não tinha um dinheiro para comprar a alimentação adequada para as crianças e hoje a gente tem esse dinheiro que está ajudando muito. Nós comemos carne que a gente não comia antes. A gente não tinha um dinheiro para comprar um iogurte, uma fruta. E tinha mesmo até desnutrição em pessoas adultas aqui por causa de alimentação. Então, está ajudando muito.

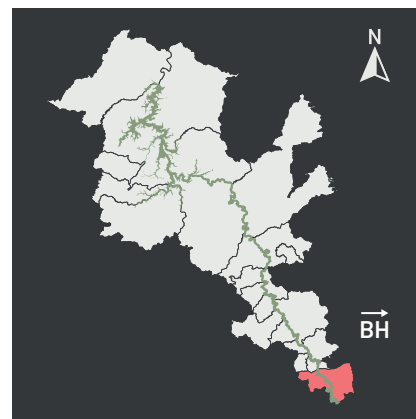
Luzinete Fernandes Ribeiro

Wallisson

Morador e funcionário da Pousada Nova Estância, Wallisson Matos sobreviveu à tragédia, mas perdeu a casa, amigos e parte da família no desastre. Atualmente, vive com a esposa e as filhas, submetendo-se a tratamentos para lidar com o trauma. Beneficiário do PTR desde o início, considera o programa fundamental para garantir o sustento e cobrir despesas médicas.



Brumadinho





Quando recebi a ligação e disseram que a pousada já era, eu pensei 'acabou a minha vida, acabou meus sonhos, meu trabalho, minha casa, acabou tudo, perdi tudo'. E não só eu, outras pessoas também sentiram a mesma dor. O PTR ajudou a minha família, as minhas filhas. Eu faço tratamento psicológico e psiquiátrico. E o PTR paga as minhas despesas. Hoje, nós estamos aqui no Paraopeba e acabei voltando ao tempo. Sinto saudade.

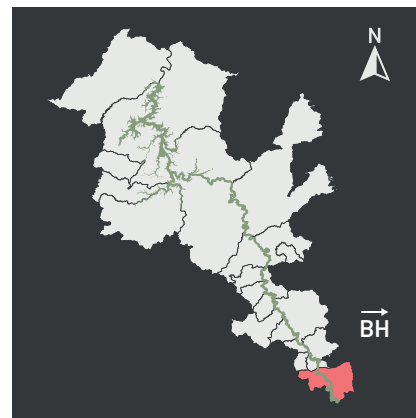
Wallisson Matos

Sueli

Mãe solo de quatro filhos e uma liderança comunitária em Pires, Sueli Araujo Marquês enfrentou o aumento do custo de vida após o rompimento da barragem. Beneficiária do PTR desde o início, conseguiu construir sua casa e garantir a faculdade da filha. Sueli destaca o papel fundamental do programa na reparação dos danos, especialmente enquanto a comunidade ainda lida com impactos e obras em andamento.



**Pires,
Brumadinho**





As pessoas, com esse PTR, adquirem uma qualidade de vida melhor. A gente dá uma vida melhor para os filhos da gente. Até para a gente mesmo, que é mãe solo. Minha filha fez faculdade. Uma coisa que eu não tinha condições de pagar, uma faculdade para ela, e ela pagou.

Sueli Araujo Marquês

Embora não haja reparação possível para a perda de um ente querido, garantir dignidade para quem fica é exercício de cidadania. Promover o recomeço, por meio de programas de reparação como o de Transferência de Renda (PTR) para os atingidos, é não só garantir direitos, mas romper com a cultura de impunidade que trouxe o país até aqui. A reparação é, acima de tudo, o fortalecimento do sentimento de justiça.

Daniela Arbex

Jornalista e escritora,
autora do livro “Arrastados”



Foto: Veronica Manevy

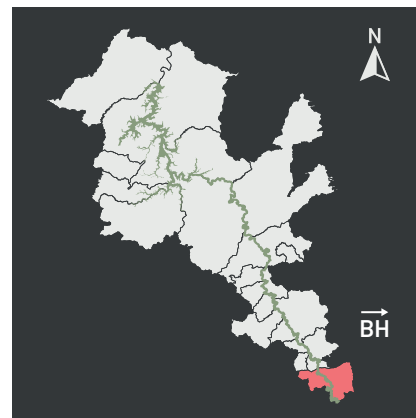


Camila

Moradora há 20 anos e liderança comunitária, Camila preside a Associação de Defesa de Direitos dos Atingidos e Atingidas por Atividades de Mineração nas Bacias Hidrográficas de Minas Gerais (AMA Rios) e é madrinha do Centro de Mulheres Atingidas do Paraopeba (CRM). Para ela, o PTR foi essencial para garantir dignidade e sobrevivência após o rompimento da barragem, fortalecendo a economia local, a saúde das famílias e o apoio a mães solo e idosos.



**Casa Branca,
Brumadinho**





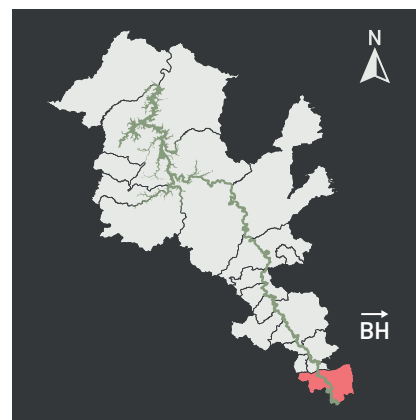
O PTR é um mecanismo para impulsionar as pessoas a terem uma saúde melhor. Há pessoas que usam o benefício para a compra de remédios. Mães solos com filhos pequenos têm uma vida melhor com a compra de mais alimentos. E o programa também ajudou na economia da cidade, que aumentou demais. O PTR é um impulso para que Brumadinho sobreviva.

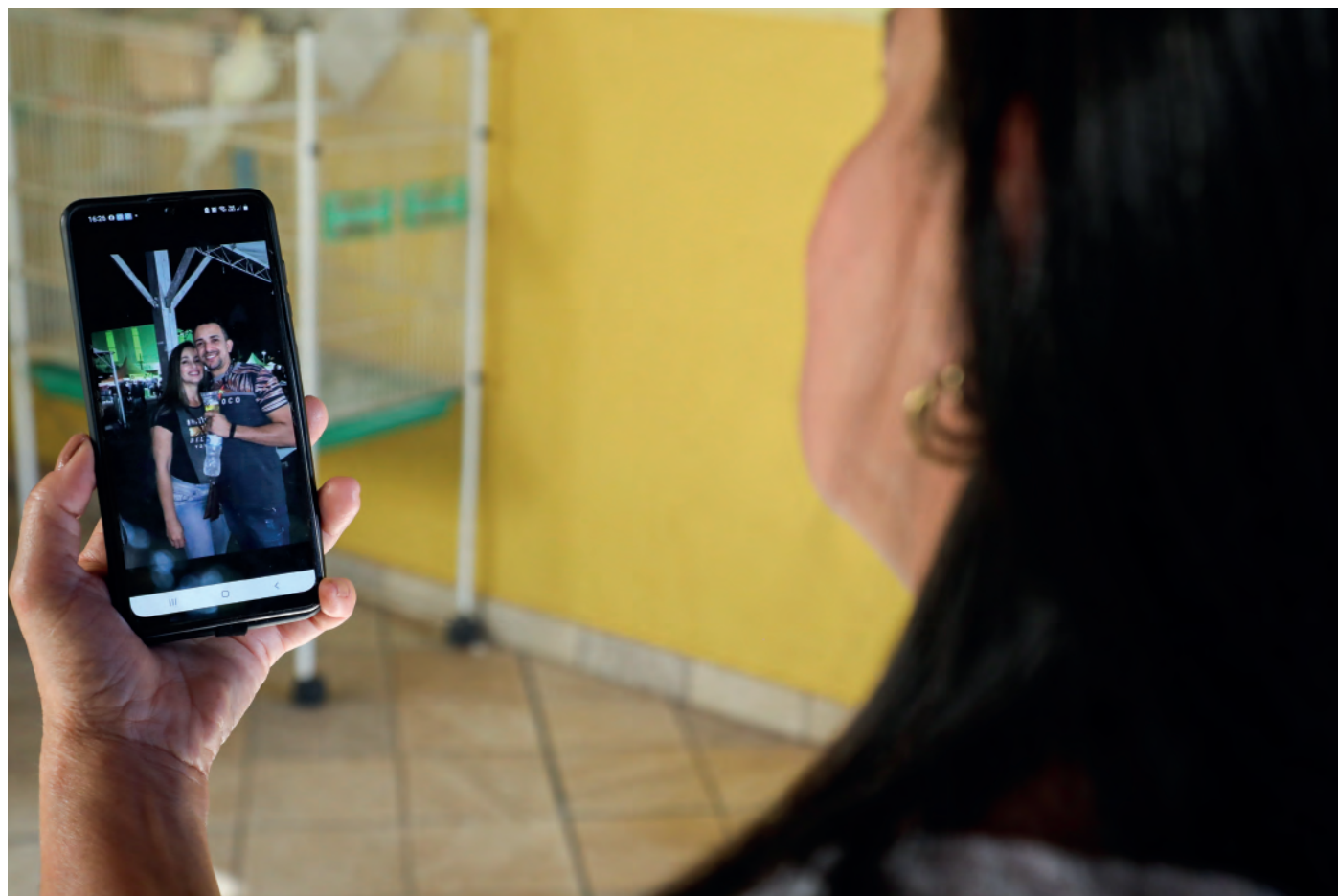
Camila Moreira Ramos

Anastácia

Costureira em Brumadinho, Anastácia do Carmo Silva perdeu o filho mais velho, Cleiton Luiz Moreira Silva, de 29 anos, na tragédia do rompimento da barragem. Desde então, enfrenta o desafio de reconstruir a vida e seguir trabalhando, lidando com a dor e dificuldades financeiras. Anastácia participa ativamente das discussões sobre reparação.

 Brumadinho





Dizem que o tempo cura tudo, mas não. Você vai se acostumando com a ausência. A ausência te mata um pouco cada dia mais. O PTR é necessário para a gente ter, pelo menos, o básico. Meu filho era funcionário, mecânico de vulcanização. Ele tinha 29 anos na época, estava no sexto período de engenharia, era uma vida toda pela frente. Uma pessoa com 29 anos, iniciando mesmo a vida adulta com muitos sonhos. E isso foi interrompido. É uma tristeza muito grande.

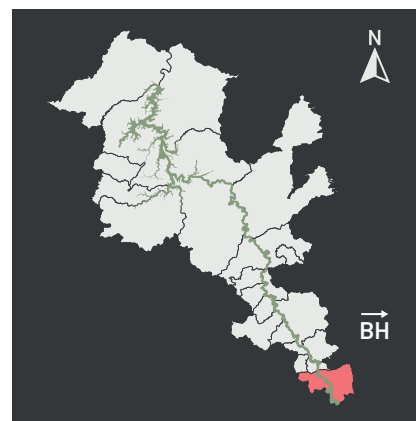
Anastácia do Carmo da Silva

Grazielle

Vinda de uma família de agricultores, Grazielle é beneficiária do PTR desde 2019. O recurso foi fundamental para a saúde da família, especialmente após o AVC da mãe, e para tratamentos psicológicos contínuos. Para ela, o programa também impulsionou negócios e investimentos em educação, mudando a realidade da comunidade.



**Pires,
Brumadinho**



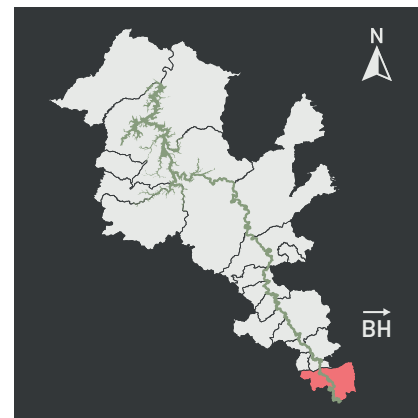


Teve gente que soube fazer bastante proveito do PTR. Abriu o seu próprio negócio. A nossa renda do PTR é utilizada para a saúde, para consultas que, às vezes, não conseguimos no SUS. Minha mãe teve um AVC pós-rompimento (da barragem). Todo mundo tem transtorno psicológico. Então, o dinheiro é utilizado para os medicamentos que são caros.

Grazielle Fabíola da Silva Freitas

Franks

Supervisor nas instalações do PTR em Brumadinho desde 2022, Franks participou dos primeiros atendimentos e enfrentou desafios logísticos para garantir que ninguém ficasse sem assistência. Para ele, o PTR representou justiça concreta e aprendizado profundo sobre as realidades do território.





No primeiro momento, a logística foi um desafio, mas nunca perdemos um campo. Sempre conseguimos atender as comunidades, até mesmo as que precisávamos ir de balsa. E sempre fomos muito recebidos nas comunidades. Foi experiência foi maravilhosa, um aprendizado enorme.

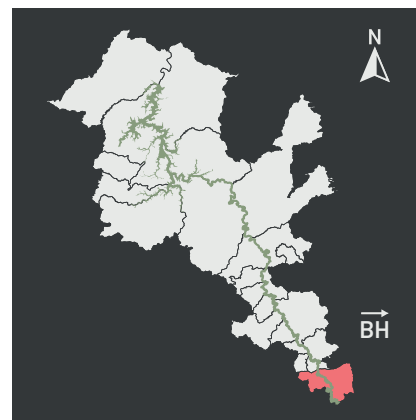
Franks Andrade Oliveira

André

André iniciou sua trajetória no PTR em 2022, como atendente de cadastro, e hoje coordena a estrutura logística do programa. Responsável pelo fornecimento de materiais e apoio operacional, destaca que a logística é essencial para o atendimento contínuo às famílias e para os resultados concretos do programa.



Brumadinho





É muito gratificante ver que o nosso trabalho está gerando resultados. O que mais me toca, eu diria que é ver a comunidade, as pessoas atingidas alcançando o benefício, fazendo um bom uso dele. Pessoas que têm necessidade estão fazendo investimento em casa, estudo, adquirindo bens, coisas que, inicialmente, sem o PTR, não estariam adquirindo.

André Marques

Acho que o PTR, dentre outros, foi um dos fatores que manteve esses atingidos, que o receberam, que receberam o PTR durante esse tempo todo, ou durante parte do tempo, manteve os atingidos vivos. Foi para muitos ali, talvez para a maioria esmagadora, a única fonte de sobrevivência, sem a qual não haveria como estarem vivos. Então, reputo o PTR um dos programas mais importantes dentro desse conjunto de ações relacionadas no acordo judicial para reparação integral (AJURI), assinado em 4 de fevereiro de 2021.

Dr. Murilo Sílvio de Abreu

Juiz da 2ª Vara da Fazenda Pública e Autarquias da Comarca de Belo Horizonte, responsável por conduzir o processo judicial de reparação e garantir a execução e continuidade do PTR



Foto: Veronica Manevy

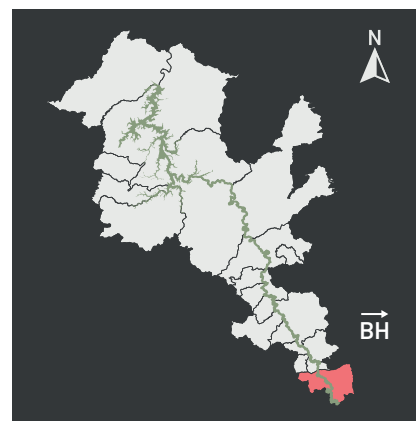


Aparecida

Aparecida, conhecida como Pará, vive há 35 anos em Tejuco, Brumadinho, e perdeu um irmão no rompimento da barragem. Agricultora, beneficiária do PTR, conseguiu garantir despesas básicas e movimentar o comércio local. Com o programa, abriu uma sorveteria com o filho Gabriel e viu o mais velho, João Pedro, estudar e abrir a única barbearia da comunidade, mostrando a força da reparação na transformação de vidas. Pará reconhece o PTR como o único instrumento de reparação que chegou, de fato, às famílias.



**Tejuco,
Brumadinho**





Minha família toda é agricultora. O meu irmão, que faleceu, era agricultor. Na época, eu adoeci. Tive depressão e não aguentava trabalhar. Mas veio na minha cabeça de montar uma sorveteria. Juntei o dinheiro do PTR, comprei as máquinas, fiz o curso. Não foi fácil sair de uma profissão para outra totalmente diferente. E a sorveteria se chama Gabriel porque eu e meu filho Gabriel juntamos o dinheiro para abri-la.

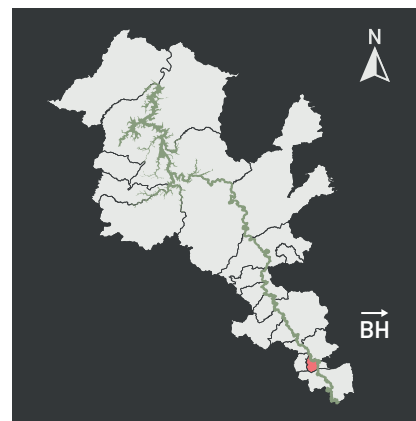
María Aparecida Soares

Marcilene

No Acampamento Pátria Livre, em São Joaquim de Bicas, a trajetória de Marcilene é marcada por resistência e esperança. Desde 2018, ela atua na liderança do movimento, conciliando-o com os desafios da vida cotidiana. Quando o PTR começou, Marcilene foi uma das primeiras beneficiárias. O recurso garantiu alimentação, despesas básicas e o sustento dos netos que vivem com ela. O apoio tornou-se ainda mais essencial após a morte de seu filho — uma perda que abalou a família. Com o benefício, Marcilene conseguiu comprar um lote e erguer uma casa de alvenaria, símbolo de estabilidade e conquista. “O PTR trouxe dignidade e segurança”, afirma ela.



**Acampamento
Pátria Livre,
São Joaquim
de Bicas**





Tem muitas pessoas que você vê que antes não tinha uma estabilidade de vida. Hoje, elas têm uma estabilidade de vida melhor. Você vê que é uma alimentação melhor. As crianças estão mais bem cuidadas.

Marcilene Prates

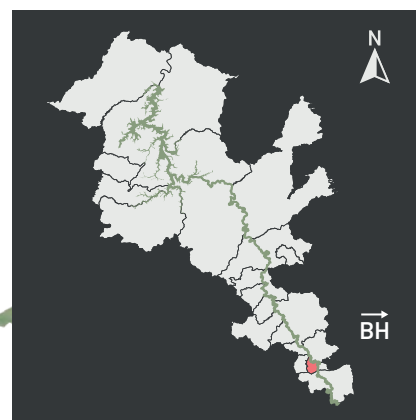
Ronaldo

Ronaldo Gonçalves da Silva deixou São Paulo para recomeçar a vida no bairro Jardim Primavera, em São Joaquim de Bicas. Hoje, trabalha em uma empresa local e, desde abril de 2025, é beneficiário do PTR. O auxílio foi decisivo para complementar renda, garantir alimentos, comprar material de construção e custear um tratamento dentário — conquistas que representam qualidade de vida e segurança para sua família.

Para Ronaldo, o PTR não é apenas um suporte financeiro, mas um instrumento que possibilita estabilidade e dignidade em meio aos desafios de quem busca reconstruir a vida longe de casa.



**Jardim Primavera,
São Joaquim de Bicas**





Ano passado, estava desempregado e não tinha nem mais esperança de receber o PTR. Quando caiu na conta foi uma coisa maravilhosa. Não tinha os dentes de baixo e não tinha os de cima. Era muito ruim de mastigar. Fiz dois implantes, que não é barato, e consegui pagar com o dinheiro do PTR. Me salvou. Vou comer um churrasquinho para comemorar.

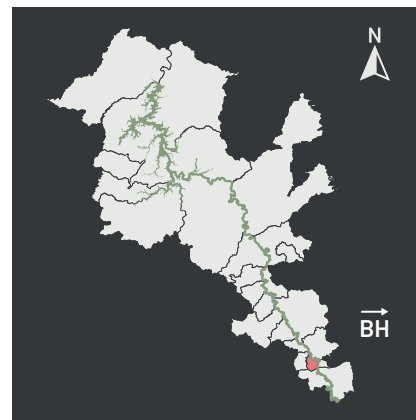
Ronaldo Gonçalves da Silva

Cleber

Cleber vive no Acampamento Pátria Livre, em São Joaquim de Bicas, desde 2018. É mecânico de motos, mas está desempregado. Cuida sozinho de quatro filhos, após a morte da esposa. Depois de perder todos os bens na enchente do rio — um acontecimento posterior ao rompimento da Barragem, mas que atingiu e impactou a região, recebe o PTR desde 2022, que garante alimentação, escola e reposição de mobília. Destaca também melhorias coletivas no acampamento.



**Acampamento
Pátria Livre,
São Joaquim
de Bicas**





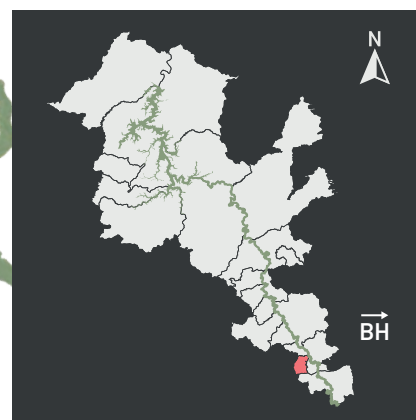
Para mim, a importância do PTR é tudo, fundamental. Agora é com ele que eu estou sobrevivendo, mantendo a casa, as coisas. Então, para mim, é praticamente tudo.

Cleber Natanael Gomes

Lourival

No bairro Santa Ana, em Igarapé (MG), Lourival Pereira dos Santos viu sua vida mudar depois de começar a receber o PTR, em fevereiro de 2021. Pedreiro de profissão, usou o benefício para reformar a casa, colocar cerâmica, montar uma cozinha e até comprar um carro usado — conquistas que trouxeram conforto e dignidade para sua família.

Mesmo afastado do trabalho por questões de saúde, Lourival destaca que o programa foi essencial para garantir estabilidade e melhorias não só para ele, mas também para sua comunidade. “O PTR trouxe dignidade”, afirma, resumindo o impacto que vai além do aspecto financeiro.



 Santa Ana,
Igarapé



O PTR é tudo de bom. Só teve coisa boa. Você vê que eu estou rindo à toa. Muitos amigos compraram carro, moto. Alguns construíram. Têm muitas obras que foram feitas na região depois que as pessoas receberam o PTR.

Lourival Pereira dos Santos

O Programa de Transferência de Renda está longe de ser perfeito, mas tem sido fundamental para garantir renda e dignidade a mais de 150 mil pessoas, ajudando a movimentar a economia local e trazendo mais transparência. No entanto, o programa ainda tem espaço para ser aprimorado. (...) O maior desafio é que o PTR, embora essencial, está sendo encerrado antes de as comunidades terem de volta suas condições de vida, mostrando que a reparação ainda está longe do necessário.

Lucas Ragazzi

Repórter de política e editor-chefe
do site O Fator



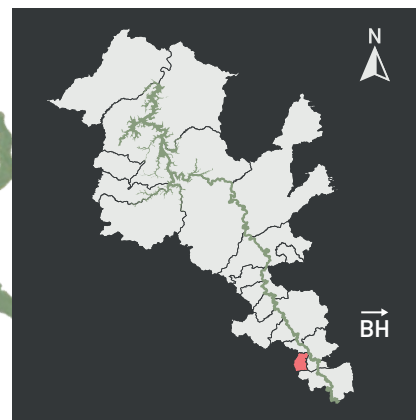
Foto: Veronica Manevy



Maria Gorete

Em Santa Ana, Igarapé (MG), Maria Gorete Pereira transformou desafios em conquistas com o apoio PTR. Integrante da comissão local de atingidos e beneficiária desde 2024, ela destaca como o recurso foi essencial para melhorar a qualidade de vida da família.

Com o benefício, Maria Gorete conseguiu realizar um implante dentário, comprar eletrodomésticos e custear exames médicos — investimentos que trouxeram bem-estar e segurança. “O PTR fez diferença na nossa vida”, afirma, reforçando o impacto do programa na saúde e no cotidiano das famílias atingidas.



 **Santa Ana,
Igarapé**



A importância do PTR é para dar uma vida mais estável até a reparação total. O PTR ajuda muito. Não só a mim, mas a todas as famílias que recebem.

Maria Gorete Pereira

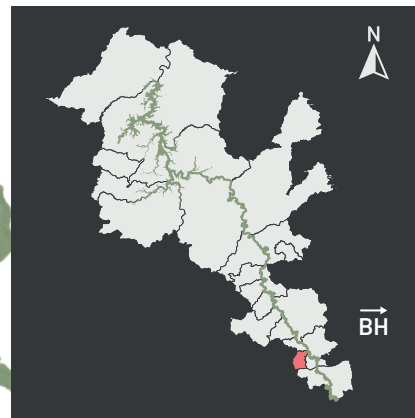
Eva

No bairro Sol de Fátima, em Igarapé (MG), Eva Fátima da Silva encontrou PTR um aliado para garantir tranquilidade e planejamento. Beneficiária desde os primeiros anos do programa, ela conta que o recurso ajudou a melhorar sua qualidade de vida, quitar contas e, com disciplina, guardar um pouco todo mês como forma de prevenção.

Para Eva, o PTR representa mais do que um auxílio financeiro: é segurança para enfrentar imprevistos e esperança para construir um futuro com mais estabilidade.



Sol de Fátima,
Igarapé





A importância do PTR é que a justiça não foi feita toda, mas pelo menos está caminhando. O PTR é a base. O dinheiro também supriu a renda dos atingidos, do comércio que diminuiu após o rompimento. Eu tinha um bar na época e senti o impacto. O PTR é um apoio.

Eva Fátima da Silva

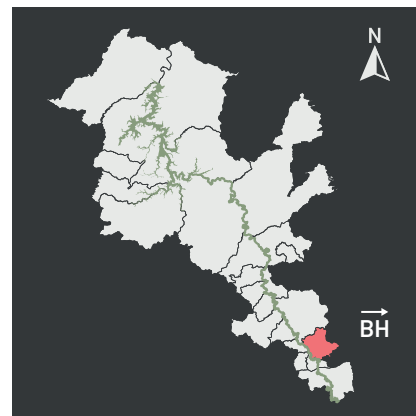
Kirty

Desde abril de 2022, Kirty atende requerentes e beneficiários do PTR no posto de atendimento do programa, localizado em Citrolândia, Betim, sendo uma das pontes entre o benefício e as famílias atingidas. No dia a dia, participou do cadastro de famílias, efetivou trocas de contas bancárias, esclareceu dúvidas e realizou atendimentos volantes em comunidades — um trabalho que exige proximidade com as pessoas atingidas e sensibilidade.

Para Kirty, a experiência vai além da rotina administrativa: representa aprendizado, crescimento pessoal e profissional, além de uma forma concreta de ajudar famílias a se reerguerem após o rompimento. “Cada atendimento é uma oportunidade de fazer diferença”, afirma.



**Citrolândia,
Betim**





Participei de atendimentos volantes. Conheci muitos lugares, pessoas. E o que mais me tocou foram as histórias das pessoas. Enquanto fazíamos o cadastro ou atendimento, elas desabafavam e contavam suas vidas, e cada história nos movia de um jeito diferente. Foi um aprendizado.

Kirty Cristina da Silva dos Reis

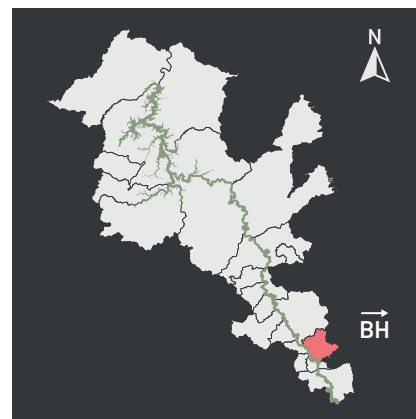
Graceni

Em Citrolândia, Betim, Graceni vive uma dupla experiência no PTR: é beneficiária e, desde abril de 2022, atua como atendente de cadastro. No dia a dia, enfrenta o desafio de lidar com histórias emocionantes dos atingidos, o que exige sensibilidade e diálogo. Durante a realização dos cadastros volantes, conheceu de perto o acolhimento afetuoso das comunidades do interior, fortalecendo laços e ampliando sua visão social.

Para Graceni, o PTR trouxe melhorias concretas às famílias — como moradias mais bem equipadas e dignidade — e, ao mesmo tempo, transformou sua própria trajetória. “Aprendi a olhar para as pessoas de outra forma”, afirma, destacando que o trabalho é tão gratificante quanto o recebimento do benefício.



**Citrolândia,
Betim**





Eu acompanho desde 2019 e posso dizer que o PTR mudou e muito a vida da população. Vi a mudança na qualidade de vida das pessoas. Você chega na casa da pessoa e vê que a casa melhorou, que a pessoa conseguiu dar uma pintura na casa. Você chega na casa da pessoa e vê que a pessoa tem um móvel ali. É bonito de ver.

Graceni Soares de Moraes dos Santos

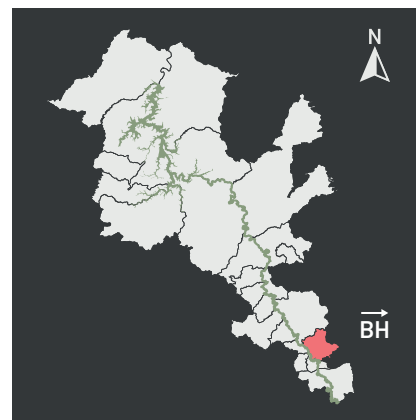
Dalete

Desde janeiro de 2022, Dalete atua no PTR em Citrolândia, Betim. Começou realizando atendimentos volantes, percorrendo comunidades, e hoje está no posto fixo, onde enfrenta desafios que vão além da rotina administrativa. Entre eles, lidar com perdas e dificuldades na documentação dos atingidos — como o caso de uma senhora que levou meses para comprovar sua residência.

Sempre bem recebida pelas comunidades, Dalete vê o PTR como essencial para garantir sustento, educação e reconstrução de vidas afetadas pelo rompimento. “Cada história mostra a importância do programa”, afirma, destacando que seu trabalho é, também, um ato de reparação e cuidado.



**Citrolândia,
Betim**





Um dos desafios era chegar na comunidade, ver que o pessoal foi atingido e escutar a história. Às vezes, a gente ficava comovido, mas a gente persistia, tentava ser forte para mostrar que estávamos lá para ajudar. A gente também é humano, tem sentimento, quer abraçar e chorar. Mas temos que nos manter firmes. Lembro de uma senhora de R5 que demorou para conseguir receber, porque não tem comprovante por não ter água e luz que chegam ao local. São 150km para fazer o atendimento. Mas ela conseguiu e foi emocionante.

Dalete Angela da Silva

A tragédia de Brumadinho foi uma das maiores do mundo e aconteceu menos de um mês após eu assumir o meu primeiro mandato à frente do Governo de Minas, em 25 de janeiro de 2019. Os atingidos devem ter acesso a todas as reparações e indenizações a que têm direito. Confiamos na Justiça e nas autoridades competentes para garantir que nenhuma família seja esquecida. O Programa de Transferência de Renda é um instrumento importante nesse processo e já vem assegurando que milhares de famílias recebam valores a que têm direito.

Romeu Zema

Governador de Minas Gerais



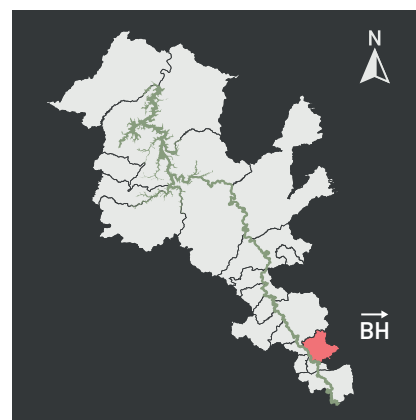
Foto: Veronica Manevy



Geralda e Ana Lucia

Geralda e Ana Lucia, capitãs da Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário, representam a força de uma tradição que atravessa gerações. Ambas participaram do cadastramento no PTR em nome do Congado, reforçando a importância do benefício para a preservação cultural.

Geralda destaca o orgulho de integrar essa união histórica, enquanto Ana Lucia afirma que o recurso chegou em boa hora. Parte do valor será destinada a melhorias na sede, compra de uniformes e despesas básicas, fortalecendo a articulação entre Congado, Candomblé e outros grupos tradicionais. “É um apoio que garante continuidade e dignidade”, afirmam.



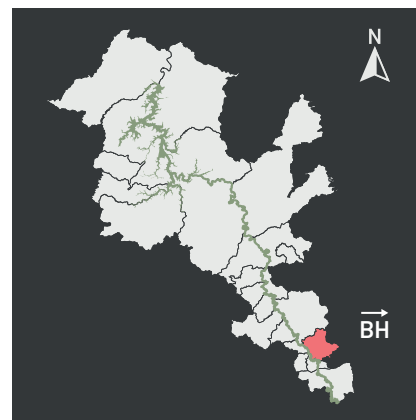


Esse benefício está chegando em boa hora. O PTR vai ajudar bastante porque temos que arrumar a sede. Temos muitos gastos. O Congado também colhe as ervas para fazer um banho, um chá. O rio é um pedacinho de nós. O rio é um pedaço da vida. A água é vida e o rio é vida.

Geralda Maria Barbosa

Luciana

Em Citrolândia, Luciana Mendonça Alves faz do cultivo de rosas não apenas uma fonte de renda, mas um projeto de vida. Ao lado do marido, ela mantém o espaço “Beto Rosas”, onde produz e comercializa flores que embelezam a região. Beneficiária do PTR desde novembro de 2024, usou os recursos para equipar sua casa, cuidar da filha e reforçar o orçamento familiar. Parte do valor foi reinvestido na chácara, permitindo ampliar a produção e fortalecer o negócio. “O programa trouxe dignidade e estabilidade”, afirma. Para Luciana, cada rosa cultivada carrega a marca da superação e do trabalho coletivo, mostrando como o PTR foi além do auxílio financeiro: é um instrumento de transformação e esperança.





Estou investindo na minha casa porque realmente a gente estava precisando. Sempre quis um fogãozinho, uma geladeira. E estamos fazendo a reforma da chácara de rosas com o PTR. Agora temos rosas de corte, que é o que as pessoas compram.

Luciana Mendonça Alves

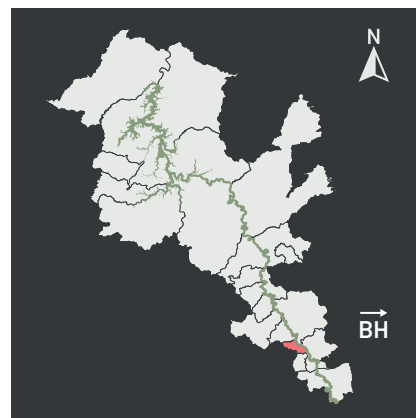
Edvaldo

Às margens do Paraopeba, em Francelinos (Juatuba), Edvaldo de Jesus — Babá Edvaldo de Oxoguiã — mantém viva a tradição afro-brasileira. Babalorixá do Ilê Axé Alá Tooloribi, fundado em 2015, ele lidera rituais e preserva saberes ancestrais em meio aos desafios impostos pelo tempo. Beneficiário do PTR desde 2025, após o reconhecimento histórico e jurídico dos Povos de Matriz Africana (POTMA) como atingidos, Edvaldo pontua: “O PTR não é apenas um auxílio; é respeito e dignidade”.

A história de Babá Edvaldo revela como políticas públicas de reparação podem aliviar injustiças e fortalecer culturas, assegurando que tradições continuem florescendo mesmo diante de adversidades.



Francelinos,
Juatuba





A primeira mudança é que, para todas as comunidades que foram inseridas, há uma concretude do fato de ser atingido. Isso é inédito nos acordos de reparação de rompimentos de barragem para os POTMA. Isso abre caminhos para uma política de reparação para Povos de Matriz Africana. O PTR vem dar uma lição.

Edvaldo de Jesus

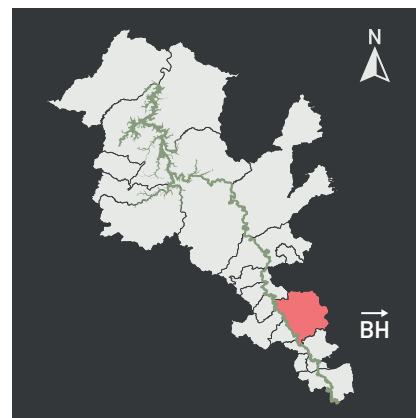
João

João Delcio vive na comunidade de Cachoeirinha, em Esmeraldas, há 38 anos. Comerciante local, viu sua renda despencar mais de 60% após o rompimento da barragem de Brumadinho. Desde 2023, ele é beneficiário do Programa de Transferência de Renda (PTR), recurso que garante o básico: despesas do dia a dia, pagamento de dívidas e alimentação da família.

Para João, o programa é mais que um auxílio — é um fôlego para famílias atingidas e um motor para a economia da comunidade.



**Cachoeirinha,
Esmeraldas**





O PTR movimentava o comércio. Tem pessoa que não tem renda nenhuma, porque quem plantava uma horta ou trabalhava para algum fazendeiro na beira de Rio, o serviço acabou.

João Delcio Siqueira Alves

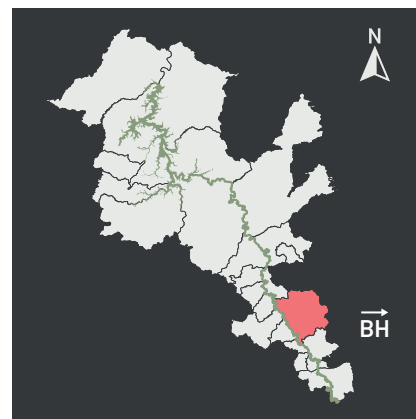
Ana Maria

Aposentada, Ana Maria dedicou mais de 26 anos ao serviço público e à família. Depois de anos de idas e vindas, conquistou o sonho da casa própria, que chama de seu “xodó” em Cachoeirinha.

A rotina mudou com o rompimento da barragem, trazendo dificuldades financeiras. Para ela, a chegada do PTR foi decisiva: trouxe segurança para o futuro dela, dos filhos e dos netos.



**Cachoeirinha,
Esmeraldas**





Se a gente pudesse voltar lá atrás, a gente não queria que isso tivesse acontecido. Mas já que aconteceu, muita gente depende do PTR para sobreviver. O PTR foi uma coisa muito boa para todos.

Ana Maria Marinho

O Programa de Transferência de Renda entra nesse bojo [da reparação], foi um avanço em relação ao que havia sido vivido em Mariana. Ao mesmo tempo que o PTR garante renda àqueles que foram afetados com o rompimento, a necessidade de implementação e a quantidade de pessoas alcançadas mostram que a diversificação econômica de cidades mineradoras ainda é um desafio a ser superado. Praticamente toda a população do entorno vivia direta e indiretamente da atividade mineratória.

Edilene Lopes

Repórter de política da Rádio Itatiaia, uma das primeiras jornalistas a chegar ao local do desastre



Foto: Veronica Manevy

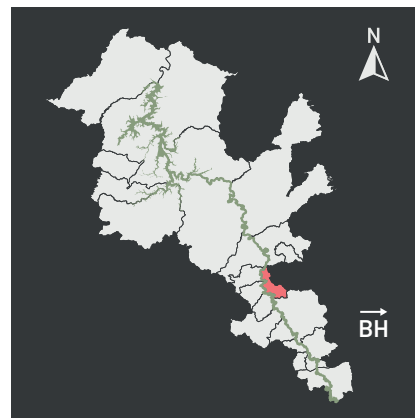


Rogério

Giannetti atua na Bacia do Rio Paraopeba, na comunidade de Beira Córrego, em Fortuna de Minas. Desde o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão, dedica-se à luta pela reparação integral dos atingidos, por meio da Rede dos Atingidos da R3 e do Paraopeba. Defensor do direito à permanência no território, Rogério ressalta a importância do Programa de Transferência de Renda (PTR) como suporte essencial para garantir sobrevivência e dignidade às comunidades afetadas.



**Beira Córrego,
Fortuna de Minas**





O PTR é de extrema importância enquanto existe o processo de reparação. Ele é a única renda que possibilita que as pessoas permaneçam no território até que o seu modo de vida seja restabelecido. Foi possível que as vendas, as mercearias permanecessem abertas, apesar das pessoas terem perdido muito da sua renda original. O PTR conseguiu manter uma chama acesa da economia local e isso foi fundamental, até agora, para que não houvesse uma quebra, uma ruptura maior ainda desse tecido social.

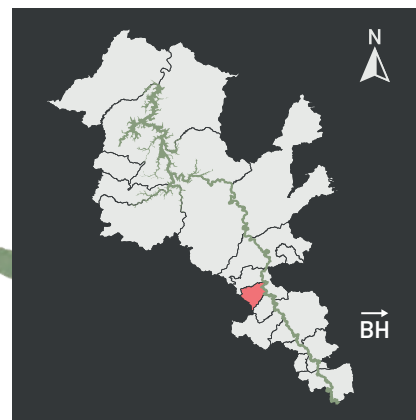
Rogério Giannetti Pereira da Rocha

Tânia

Tânia Anunciação de Matos vive em Pindaíbas, no município de Pequi (MG). Antes do rompimento da barragem de Brumadinho, os domingos eram dedicados ao lazer e à pesca no Rio Paraopeba — atividade que também ajudava a complementar a renda da família. Desde outubro de 2019, Tânia recebe o PTR, usado para garantir alimentação, pagar contas e manter o sustento do lar. Para ela, o benefício é vital, oferecendo suporte à comunidade diante das perdas causadas pelo desastre.



Pindaíbas,
Pequi





O dinheiro do PTR ajuda
você a pagar escola de
filhos, alimentação, energia,
as contas da casa, lazer.

Tânia Anunciação de Matos

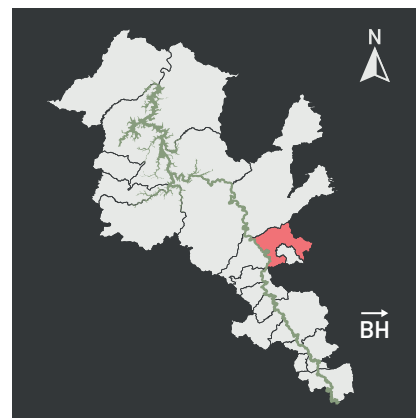
Carlos Henrique

Carlos Henrique Moreira dos Santos, conhecido como Pai Riquinho, é líder da comunidade quilombola da Pontinha e sacerdote de umbanda. Apaixonado pela pesca e pela vida às margens do Rio Paraopeba, viu sua rotina e lazer serem profundamente afetados pelo rompimento da barragem.

Desde 2022, recebe o PTR, que ajuda na manutenção da casa, melhora a renda familiar e fortalece o sustento da comunidade. Para Pai Riquinho, o benefício é mais que um suporte financeiro: é um aliado na preservação das tradições e na resistência aos impactos socioambientais do desastre.



**Quilombo da Pontinha,
Paraopeba**





Nós, povos de terreiro, vemos a água como vida. Sem a água, sem o rio, sem o barro, não somos nada. E o PTR é um marco. Foi satisfatório dentro da comunidade. Vejo melhorias nas estruturas das casas. Também melhorei a minha. Usufrui parte desse dinheiro para melhorar o meu conforto e o conforto da minha família.

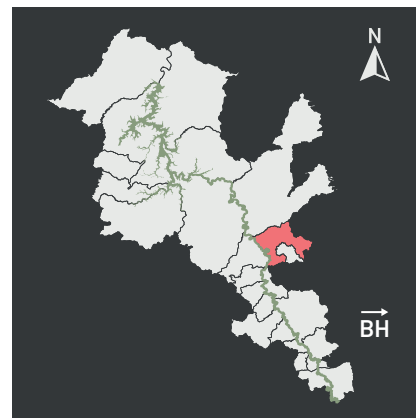
Carlos Henrique Moreira dos Santos

Lucineide

Lucineide vive no Quilombo da Pontinha, em Paraopeba. Mãe de cinco filhos e avó de dois netos, não tem emprego formal e depende do PTR, que recebe desde maio de 2022. O benefício é essencial para garantir alimentação, material escolar e roupas para os filhos, além de ajudar a quitar dívidas. Em uma região com poucas oportunidades de trabalho, Lucineide considera o programa uma ajuda vital para sustentar a família e apoiar os mais velhos da comunidade.



**Quilombo da Pontinha,
Paraopeba**





O PTR me ajudou a comprar material escolar, a dar uma alimentação melhor para os meus filhos, uma vestimenta melhor, um calçado. Todo mundo cresceu arrancando minhocuçu e têm pessoas que nunca contribuíram para o governo para terem uma aposentadoria. É muito difícil se aposentar aqui na comunidade e o PTR tem ajudado essas pessoas também.

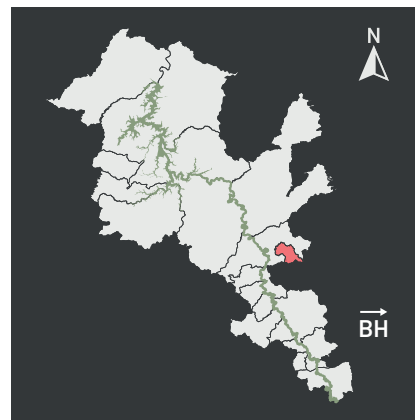
Lucineide Teixeira Moreira

Dirceu

Há 35 anos, Dirceu sustenta a família com o comércio de minhocas. Mas, após a contaminação do Rio Paraopeba, a pesca e a venda foram duramente afetadas, tornando a renda instável. Desde fevereiro de 2022, ele recebe o PTR, que permitiu reforçar a alimentação, atender necessidades básicas, reformar a casa e organizar a produção para enfrentar períodos sem vendas. Para Dirceu, o benefício é um suporte essencial e confiável para garantir o sustento familiar.



**Shopping da Minhoca,
Caetanópolis**





Nós não tínhamos condição de comprar nada e o supermercado encheu. Parece que foi todo mundo num dia só fazendo compra. Todo mundo com o carrinho lotado e alegre. Graças a Deus. Também arrumei minha barraca. A telha é nova. Coloquei uma privada no banheiro. Agora vem mais gente comprar minhoquinha. Eu compro o saco de esterco porque crio elas. O dinheiro chegou na hora certa.

Dirceu Vaz Ribeiro

O que vimos acontecer em Brumadinho foi uma tragédia sem precedentes, uma ferida que ainda dói em todos nós. O Programa de Transferência de Renda é uma iniciativa relevante no processo de reparação, ao oferecer suporte financeiro em um momento de vulnerabilidade dos atingidos pelo rompimento da barragem. Esse recurso, que faz parte do acordo pelo qual batalhamos, garantiu condições de dignidade, segurança alimentar e algum suporte para a reconstrução da vida dessas pessoas em meio à dor. Nosso compromisso é acompanhar de perto e garantir que nenhuma família seja deixada para trás.

Deputado Tadeu Leite

Presidente da Assembleia
Legislativa de Minas Gerais



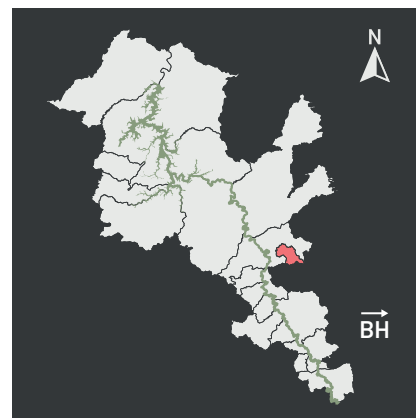
Foto: Veronica Manevy



Maria do Carmo

Maria do Carmo de Souza Chaves é raizeira e guardiã dos saberes tradicionais do cerrado. Herdou de sua mãe e de outras mulheres mais velhas o conhecimento para preparar garrafadas e açúcares medicinais. Com o tempo, a escassez de raízes próximas a rios e áreas de cerrado tornou a coleta mais difícil, obrigando-a a percorrer longas distâncias. Hoje, Maria conta com o PTR para aliviar as dificuldades financeiras e manter vivo seu ofício tradicional.

 Caetanópolis





Essa renda do PTR vai melhorar bem, vai ajudar bastante.
A gente fica mais velha e não dá conta de andar muito.
Muita gente procura a raiz engarrafada quando eu tenho.
Não é toda época que acho raiz.

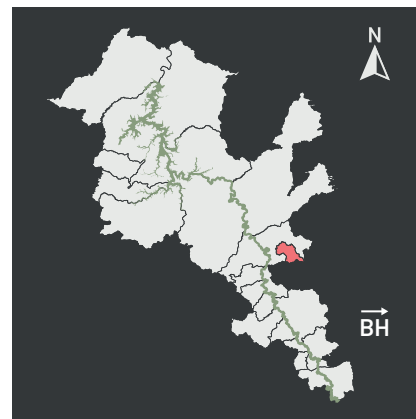
Maria do Carmo de Souza Chaves

João Batista

João Batista Alves, 63 anos, é benzedor há quatro décadas e referência na comunidade. Morador de Caetanópolis, dedica-se a ajudar vizinhos com plantas medicinais e serviços manuais, como pequenas construções — tudo sem emprego fixo e com renda irregular. Após o rompimento da barragem de Brumadinho, precisou buscar plantas em locais mais distantes devido à contaminação do rio. Para João, o PTR é um apoio essencial para garantir a sobrevivência e o sustento da família.



Caetanópolis





Sou benzedor há uns 40 anos. O rompimento da barragem me prejudicou muito para conseguir as plantas na beira do rio.

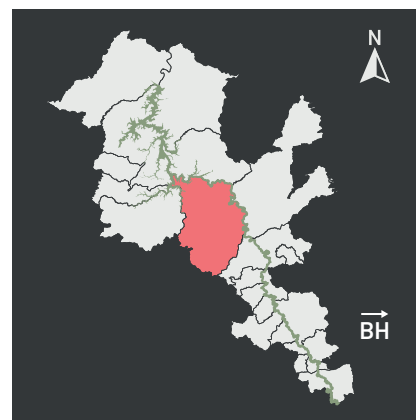
João Batista Alves

Delia Maria

Delia vive há cerca de 15 anos no Assentamento Chácara Chórus, às margens do Rio Paraopeba. Antes do desastre, trabalhava com roças de milho, cana e mandioca, além de vender quitandas e frutas na feira da cidade. Com o rompimento da barragem, perdeu parte da área produtiva e precisou se reinventar. Hoje, complementa a renda com encomendas de rosquinhas, bolos e biscoitos feitos em casa, mantendo viva a tradição e enfrentando as dificuldades impostas pelo desastre.



**Assentamento Chácara Chórus,
Pompéu**



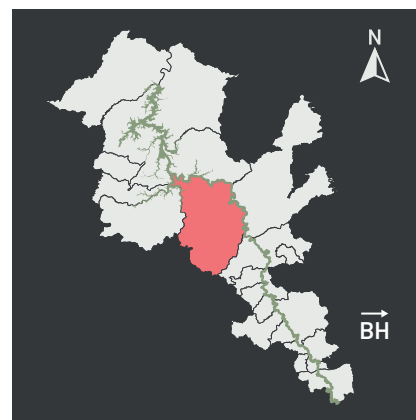


Eu tinha cerca de 10 hectares de terra na beira do Rio Paraopeba e não posso mais plantar nada lá. O PTR foi tudo para mim, uma benção. Na época, eu estava passando por uma dificuldade grande: separada, com minhas três filhas, sem renda suficiente e sem a ajuda do meu ex-marido, que levou tudo, como a caixa d'água e o gado. Com o programa, consegui pagar aluguel, luz, internet, comprar alimentos e ainda ajudar minhas filhas.

Delia Maria Vieira da Costa

Maria Deuzere

Maria Deuzere Machado, conhecida como Lezinha, enfrentou grandes desafios para sustentar a família. Moradora de Queima Fogo, recebe o PTR há quase três anos — apoio que permitiu melhorias na casa, reforço na alimentação, plantio de frutas e compra de remédios essenciais. Criativa e dedicada, Lezinha produz biscoitos para complementar a renda. Apesar das dificuldades com a água do rio e transporte, a aposentada segue firme na luta pela sobrevivência e pelo bem-estar da família e da comunidade.



**Assentamento Queima Fogo,
Pompéu**

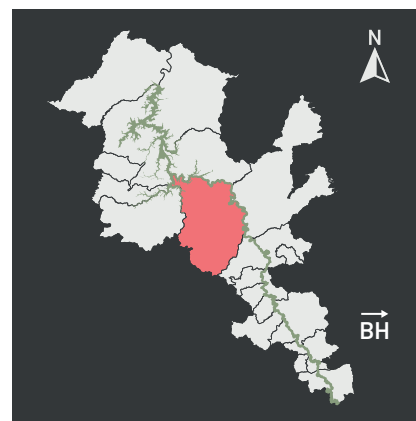


Foi importante demais receber o PTR. A gente ajuda até alguém que precisa, porque a gente vê ao redor da gente quem está precisando. É matar a fome de quem tem fome.

Maria Deuzere Machado

Alcilene

Alcilene vive no Balneário Reino dos Lagos e começou a receber o PTR no final de 2023. A família enfrentava dificuldades com a pesca, sua principal fonte de renda, e não tinha como cobrir as necessidades básicas da casa. Hoje, ela usa o PTR para comprar alimentos, roupas escolares e investir na pesca do marido. O programa trouxe alívio e segurança, ajudando-a a cuidar dos netos, manter a casa e planejar melhorias nos equipamentos de pesca.



Balneário Reino dos Lagos,
Pompéu



Como eu cuidava de muita criança, que são os meus netos, eu me sentia muito sufocada. Quando eu passei a receber o PTR, me aliviou mais porque eu podia comprar para eles o que eles me pediam, que era o básico como feijão, arroz, pão.

Alcilene Dantas da Silva

A tragédia foi um marco para a mudança na legislação e eu espero que para além das questões de descaracterização das barragens, projetos sustentáveis possam ser desenvolvidos junto ao resgate do que a região significa para essa comunidade.

Carine Tavares

Chefe de produção da Globo
na cobertura da tragédia

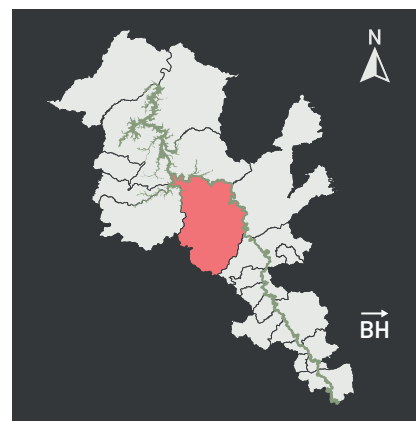


Foto: Veronica Manevy



Maria Raimunda

Mãe de três filhos, Maria Raimunda sabe a importância de poupar. Moradora de Pompéu (MG), usou o PTR para fazer uma reserva financeira. Mantém um rancho no Balneário Reino dos Lagos com esforço. Com o benefício, conseguiu cercar o terreno e melhorar a estrutura da casa. Para Maria Raimunda, o PTR ajudou a garantir o pão de cada dia e a manter a união entre os vizinhos, destacando a importância da vida comunitária.



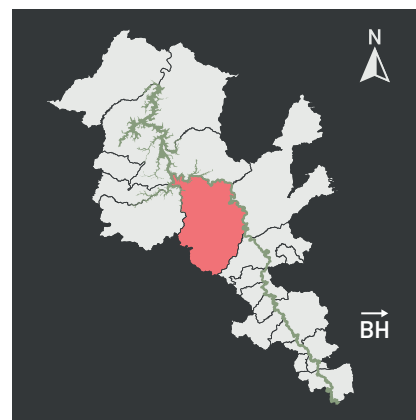


Esse dinheiro veio numa hora certa, numa hora exata, numa hora que toda a comunidade estava precisando, porque tinha muita gente carente que dependia da pesca.

Maria Raimunda Fonseca Gomes

Geraldo

Geraldo Francisco Benício, pescador há 19 anos, vive em São Marcos, Pompéu. Teve sua renda e rotina abaladas pelo rompimento da barragem. Em decorrência de um fenômeno ocorrido na água, os peixes rarearam e a pesca foi comprometida. O PTR ajudou na compra de remédios, transporte para tratamento do coração em Sete Lagoas, melhorias na casa e alimentação da família, trazendo alívio e dignidade após meses de dificuldade em razão da escassez.



Comunidade São Marcos,
Pompéu



O PTR ajudou todo mundo.
Está todo mundo feliz.

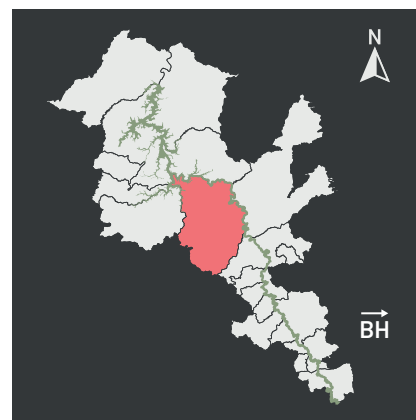
Geraldo Francisco Benicio

Rosana

Rosana assumiu o protagonismo e a liderança através de sua atuação na Comissão de Atingidos de São Marcos e Santa Cecília. Ela lembra que, antes do desastre, a pesca sustentava muitas famílias. Após o rompimento, a atividade foi prejudicada, reduzindo a renda. A aposentada destaca que o PTR amenizou os impactos deste processo e garantiu apoio às famílias afetadas. O benefício foi essencial para comprar alimentos, remédios e recuperar parte da esperança da comunidade.



Comunidade São Marcos,
Pompéu



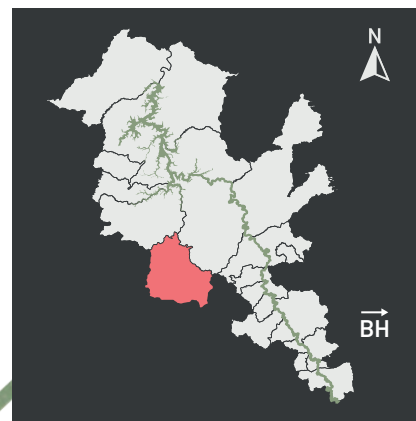


O PTR é único, o único anexo que a gente teve direito e que ajudou o pessoal do município, da nossa comunidade. Então, o PTR é de suma importância pra todos nós.

Rosana da Silva

Otávio

Otávio Júnior da Costa, conhecido como Otávio Kaxixó, fez história ao se tornar o primeiro indígena da etnia Kaxixó a concluir Medicina pela UFMG. Morador da aldeia Capão do Zezinho e enfermeiro, ele destaca a relevância do PTR, implantado em 2022 e que beneficiou toda a comunidade. Segundo Otávio, o programa trouxe melhorias nas casas, garantiu acesso a recursos essenciais e fortaleceu a luta e a visibilidade do povo Kaxixó.



**Comunidade Kaxixó,
Aldeia Capão do Zezinho,
Martinho Campos**

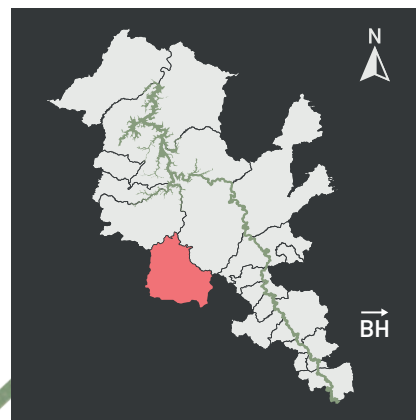


Os Kaxixós aldeados hoje são 98 pessoas. Estar aqui é ainda resistir. O PTR veio para somar dentro da nossa luta e até para trazer visibilidade ao povo Kaxixó. Hoje, a gente não consegue acessar e extrair pesca do nosso rio como a gente conseguia antes.

Otávio Kaxixó

Nilvando

Nilvando, cacique da comunidade Kaxixó, viu no PTR uma oportunidade para transformar a realidade local. Com o benefício, ampliou e reformou casas de vizinhos, comprou barco e caminhonete e construiu espaços de lazer. Segundo ele, o programa fortaleceu a comunidade, garantindo planejamento financeiro, melhorias coletivas e acesso a novas oportunidades — inclusive viagens que ampliaram horizontes.



**Comunidade Kaxixó,
Aldeia Capão do Zezinho,
Martinho Campos**



Muitas pessoas da comunidade reformou as casas. Ganhamos muito com o PTR. Eu trabalho em obra e o meu trabalho aumentou. Para quem não tinha nada, receber o PTR foi importante até para conquistarmos mais coisas, como a facilidade de se deslocar, viajar.

Nilvando Kaxixó

Em relação ao processo de reparação que tem ocorrido via PTR, é necessário reconhecê-lo como um esforço muito importante na tentativa de devolver dignidade e de restabelecer questões do aspecto social e financeiro. O PTR é um processo muito necessário na tentativa de devolver um pouco daquilo que foi retirado de forma cruel dessas famílias, de construir dignidade no processo econômico para a renda dessa população severamente afetada pelo rompimento. É um esforço legítimo, necessário e importante, mas como qualquer outro esforço que envolve uma situação tão delicada e cruel para um número tão grande de pessoas, admite aprimoramentos e reflexões necessárias para termos um instrumento mais equânime e justo.

Pedro Aihara

Porta-voz do Corpo de Bombeiros
Militar de Minas Gerais em 2019,
Hoje é Deputado Federal.

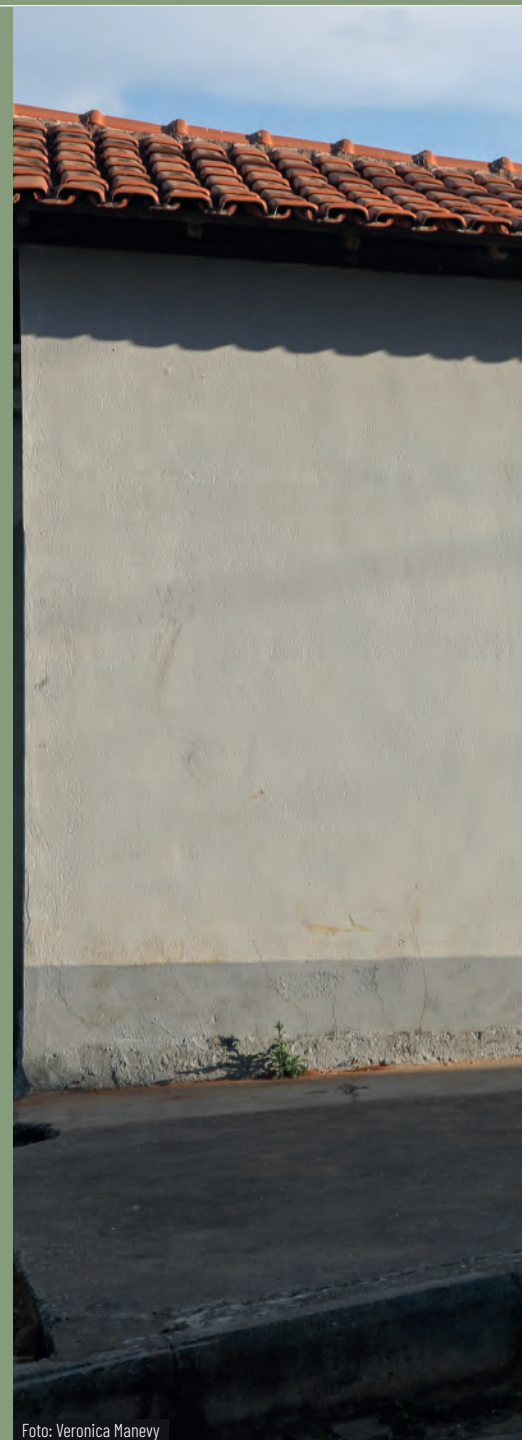


Foto: Veronica Manevy

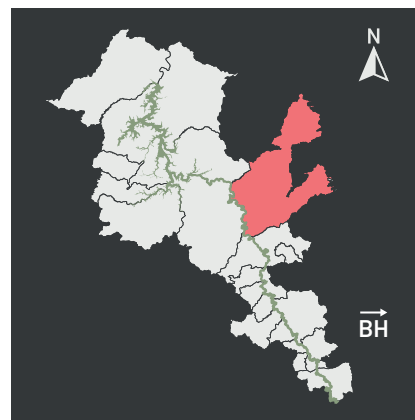


Márcia

Márcia começou a receber o PTR em junho de 2024 — um marco que transformou sua vida e a da família. Antes, enfrentava noites com a água da chuva entrando pela casa. Com o benefício, conseguiu trocar o telhado, construir um muro e repor móveis danificados. Mantém uma pequena barraca de vendas, mas a atividade foi impactada pelo rompimento da barragem. Apesar das dificuldades, Márcia valoriza a segurança e o conforto conquistados graças ao programa.



Angueretá,
Curvelo



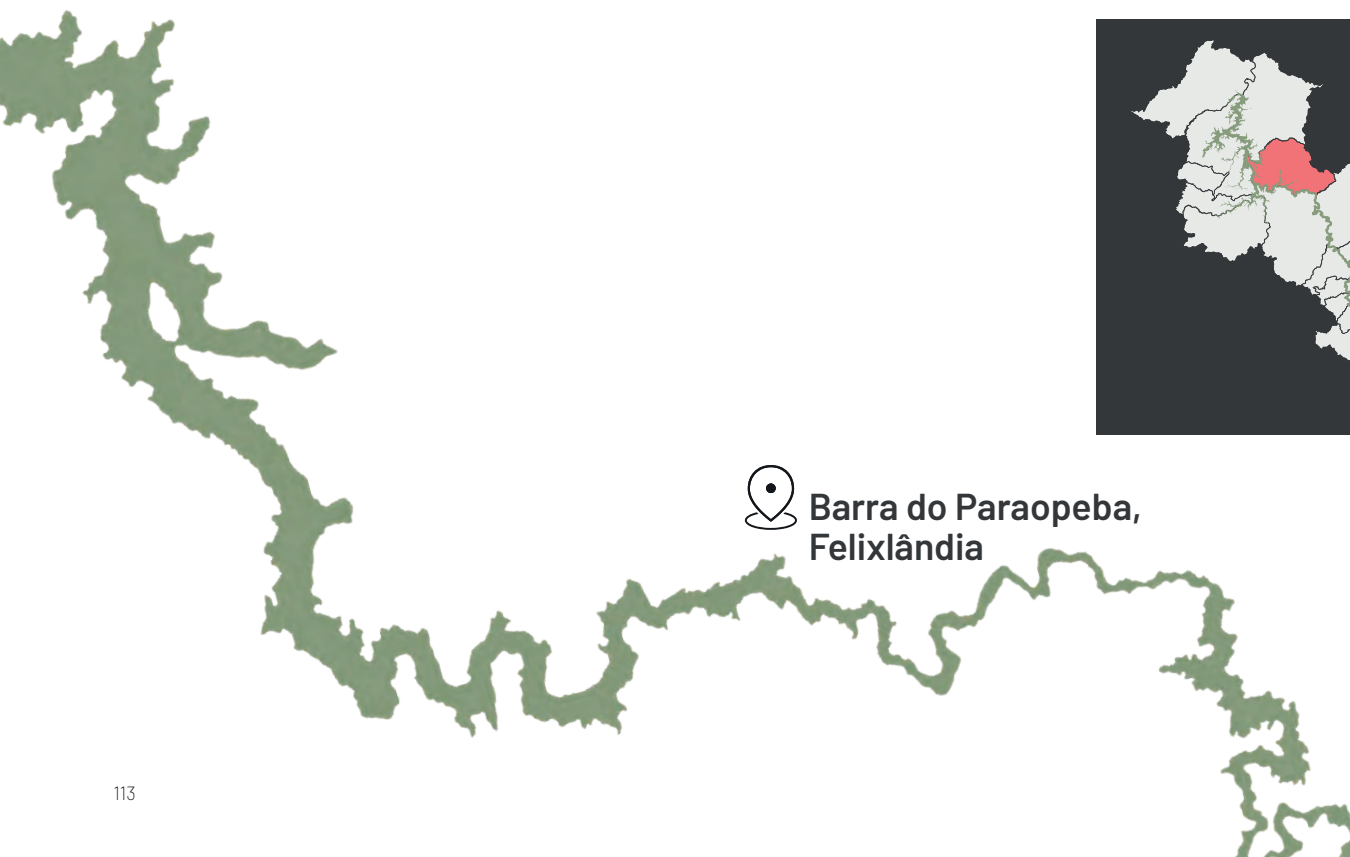


Antes, quando chovia, a água entrava na casa, molhava tudo, perdia móveis porque era telha francesa. Agora, posso dormir tranquila, sossegada. Graças ao PTR, consegui arrumar o telhado, que era o meu sonho.

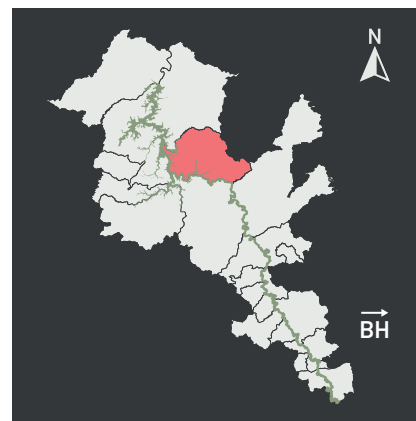
Márcia Maria Silva de Carvalho Gonçalves

José Raimundo

José Raimundo, pescador há 30 anos em Barra do Paraopeba, dono de bar e trabalhador no Clube de Pesca da cidade, recebe o PTR há cerca de dois anos. O benefício complementa a renda, permitindo pagar contas e reformar a casa. Para ele, a FGV teve papel importante no cadastramento dos atingidos e a existência do posto de atendimento em Felixlândia facilitou o acesso da comunidade ao programa.



Barra do Paraopeba,
Felixlândia





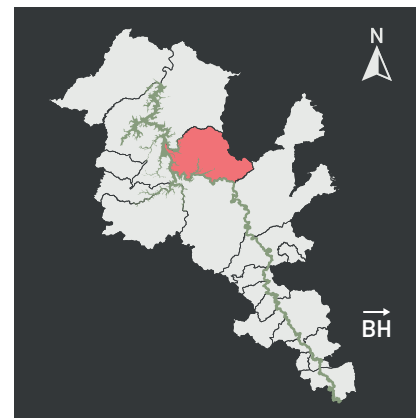
Se a gente dependesse do bar, a gente ia morrer de fome. E só o pescado não daria conta para viver. O PTR é muito bom. Eu e minha mulher fomos os primeiros a receber. E eu guardei 75% do que ganhei.

José Raimundo Pinto

Carla

Carla encarou o desafio de acolher requerentes em situação de vulnerabilidade, como uma jovem com câncer e cuja família depende do PTR. Atua no PAF de Felixlândia desde junho de 2023. Antes, realizava os atendimentos remotos às comunidades durante o cadastramento do PTR. O trabalho transformou sua forma de enxergar a vida e reforçou seu compromisso com o cuidado às pessoas.

 **Felixlândia**





A Carla antes do PTR era mais fechada, mais durona. Depois do PTR, aprendi a baixar a bola e ouvir o outro. É uma experiência que me enriquece como ser humano. Poder ajudar os atingidos a ter uma melhoria de vida é muito gratificante para mim. Aqui, a gente não tem razão, ninguém tem razão. Estamos aqui para acolher.

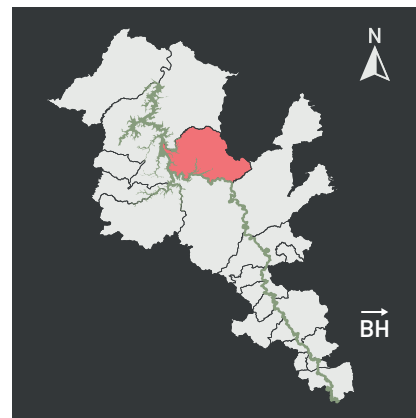
Carla Mendes dos Santos

Dejaniro

Dejaniro, de São Geraldo do Salto, recebe o PTR desde 2023. O benefício complementa sua aposentadoria, ajudando na compra de medicamentos, realização de consultas e exames, alimentação e no pagamento de contas. Também trouxe melhorias visíveis para os pescadores artesanais da comunidade, que passaram a poder comprar mais alimentos e fortalecer o comércio local.



**São Geraldo do Salto,
Felixlândia**





O PTR fez muita diferença para os pescadores. A compra deles cresceu mais. Agora eles compram carne, verdura. O supermercado ficou mais robusto, como o meu.

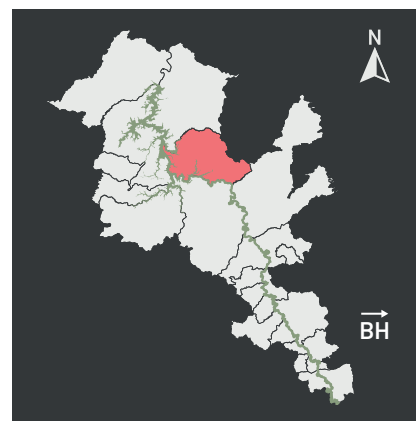
Dejaniero Gomes de Oliveira

Juliana

Juliana tem compromisso com a vida comunitária. É uma liderança em São Geraldo do Salto e testemunha o impacto do PTR. Com o programa, a comunidade pôde reconstruir casas, comprar remédios, investir em educação e garantir renda diante da crise na pesca. Ela auxiliou alguns de seus vizinhos no cadastramento no programa, contribuindo para que o benefício chegasse a quem mais precisava e melhorando significativamente a qualidade de vida local.



**São Geraldo do Salto,
Felixlândia**





Muitas pessoas perderam a renda. Então, muitas dependem do PTR para um tratamento, uma consulta, um remédio. As pessoas compraram carro, moto, telefone, forno para fazer biscoito, televisão e material de construção para fazerem sua casa.

Juliana Fonseca Leal

Sobre o PTR, não acompanhei de perto seu desenrolar, mas posso dizer que quando a lama desceu, ela não levou só coisas materiais, casas, carros etc, levou, também, vidas e vidas do rio, levou meios de vida, economias locais, famílias inteiras. Muita gente perdeu tudo. Nesse contexto, tenho plena convicção que o PTR funcionou como uma rede de apoio essencial, especialmente para as famílias e comunidades mais isoladas e economicamente vulneráveis e que viviam e vivem ainda em razão da cidade de Brumadinho bem como do Rio Paraopeba.

Coronel Flávio Godinho

Coordenador da Defesa Civil
de Minas Gerais



Foto: Veronica Manevy

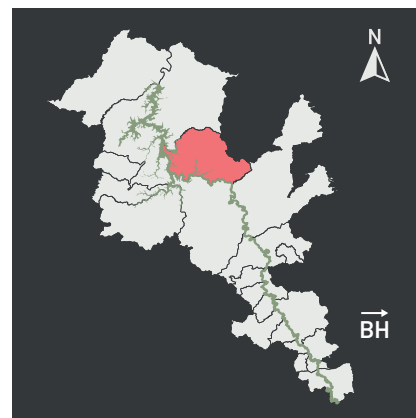


José Lourival

José Lourival vive há 35 anos em São Geraldo do Salto, em Felixlândia, e foi um dos primeiros da região a receber o PTR. Pescador aposentado, relata que o benefício conseguiu custear os tratamentos de saúde que não pode realizar pelo SUS, como aplicações para artrose nos joelhos. Também pôde ajudar os filhos e formar uma pequena poupança para emergências.



**São Geraldo do Salto,
Felixlândia**





Muita gente construiu coisas que não tinha condições de construir sem o PTR. E outras que estavam desempregados, passou a ter o básico em casa.

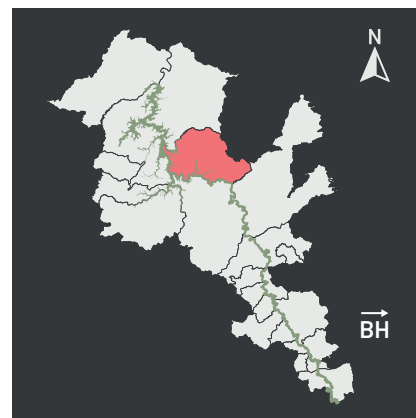
José Lourival Alves Pereira

Rosana

Rosana usou o PTR para investir em seu negócio. Começou a receber o benefício em julho de 2023, o que trouxe estabilidade para seu comércio. Pôde construir uma laje acima de seu comércio e realizar melhorias, adquirindo equipamentos, como freezer e fogão industrial. Antes do benefício, sua renda era muito sazonal; com o PTR, pôde planejar e investir com mais segurança.



**São José do Buriti,
Felixlândia**





São José do Buriti pode ser definido antes e depois da chegada dos recursos. São José do Buriti deixou de ser um pequeno vilarejo de interior para se tornar realmente uma cidadezinha de interior. A rotatividade do meu comércio aumentou.

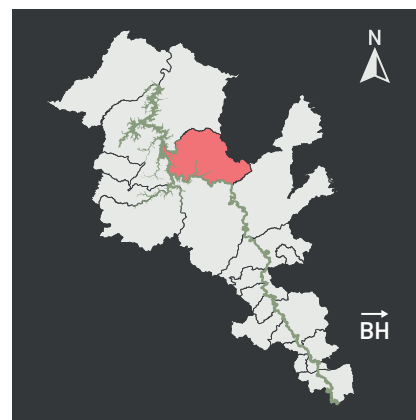
Rosana Ribeiro Leite

Jouber

Jouber, morador de São José do Buriti, em Felixlândia, foi pescador por 40 anos, mas precisou deixar a atividade que tanto amava após o rompimento da barragem que contaminou o rio e inviabilizou a venda do peixe. Atualmente, dedica-se ao comércio herdado do pai.



**São José do Buriti,
Felixlândia**



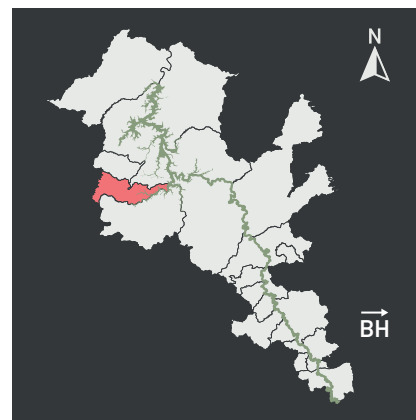


Pescava desde menino. Tive que me reinventar para sobreviver. O que eu amava era a pesca. Nadava na represa, tomava água do rio. Diziam que a água mais limpa que tinha era a da represa. Agora, o dinheiro do PTR ajuda a aumentar o meu comércio comprando mais mercadorias.

Joubert da Silva

Viviane

Viviane, moradora de Atoleiros (Paineiras) passou a receber o PTR em 2022, após perder a renda com pesca e com a redução dos serviços de faxinas que costumava prestar. O benefício permitiu reformar a casa, quitar dívidas, comprar remédios, melhorar a alimentação e comprar o material escolar da filha. Ela destaca os impactos positivos na comunidade, como a possibilidade de pagar por serviços de saúde e o surgimento de pequenos comércios.



Atoleiros,
Paineiras



O comércio local melhorou muito. Pessoas usaram o dinheiro para abrir lojinha. As pessoas tinham vontade de fazer cursos para aprender coisas novas. Os idosos estão tomando remédio e eu vejo que a saúde deles melhorou muito. Parece que todo mundo está alegre, satisfeito. E onde tem esperança, tem vida. Eu acho que melhorou para todo mundo.

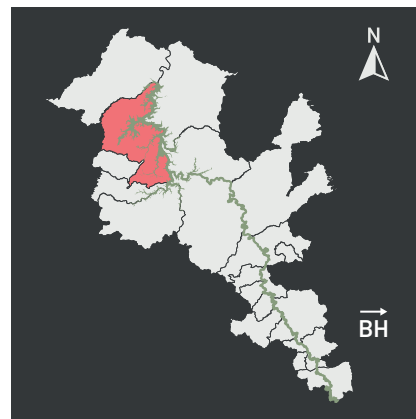
Viviane Alves da Silva

Elci

Elci também é uma liderança no movimento da pesca artesanal. De Lajinha (Morada Nova de Minas), atua na comissão de atingidos de Cavaco e como suplente no conselho local, apoiando a reparação dos danos do rompimento. Pescador por 30 anos e dedicado à piscicultura desde 2011, teve suas vendas reduzidas em até 75% após o rompimento da barragem, com gaiolas desativadas e projeto de frigorífico abandonado. Recebe o PTR desde 2022, que se tornou essencial para custear as despesas básicas da família.



Lajinha,
Morada Nova de Minas



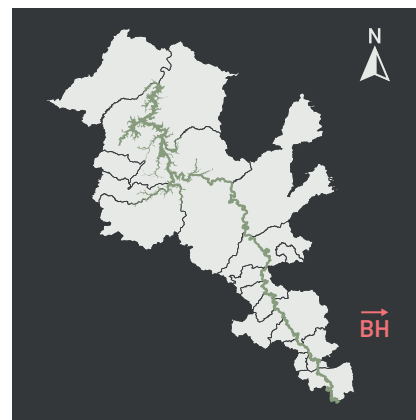


Depois do rompimento, tive problema de hipertensão. Foi muito difícil não conseguir vender o peixe. Isso acarretou muito prejuízo. O PTR veio dar um alívio.

Elci da Costa

Priscila

Priscila ingressou na FGV em 2022, como supervisora operacional, e tornou-se gerente de relacionamento em 2023, coordenando equipes de campo do PTR. Para ela, o trabalho é desafiador e transformador, levando direitos e acolhimento a quem mais precisa, e trazendo resoluções para problemas que afetam vidas.





O trabalho, a partir do desafio, traz algumas mudanças na gente. Eu vou dar um exemplo geral. Até hoje, as pessoas, às vezes, chegam angustiadas, nervosas comigo ou com o nosso campo, e quando a gente acolhe com carinho, observo que aquele fervor emocional dá uma acalmada. Para mim, é satisfatório trazer a resolução do problema.

Priscila Chagas

A tragédia representou um misto de sentimentos. A tristeza de se deparar com uma situação daquele nível, onde as pessoas estavam perdendo tudo. E o sentimento de ajudar. Ver o quanto a Polícia Militar foi importante, a primeira instituição a chegar no local, para ajudar a resgatar as pessoas juntamente com os outros órgãos. Eu enxergo um futuro onde o Estado tem se adequando cada vez melhor às legislações no que tange à mineração, e automaticamente o potencial de fazer com que aprendamos com as tragédias, né? Fazendo com que seja uma referência no tratamento, não só com as pessoas, como também dos empreendimentos ligados a essa área.

Flávio Santiago

Porta-voz da Polícia Militar
de Minas Gerais



Foto: Veronica Manevy



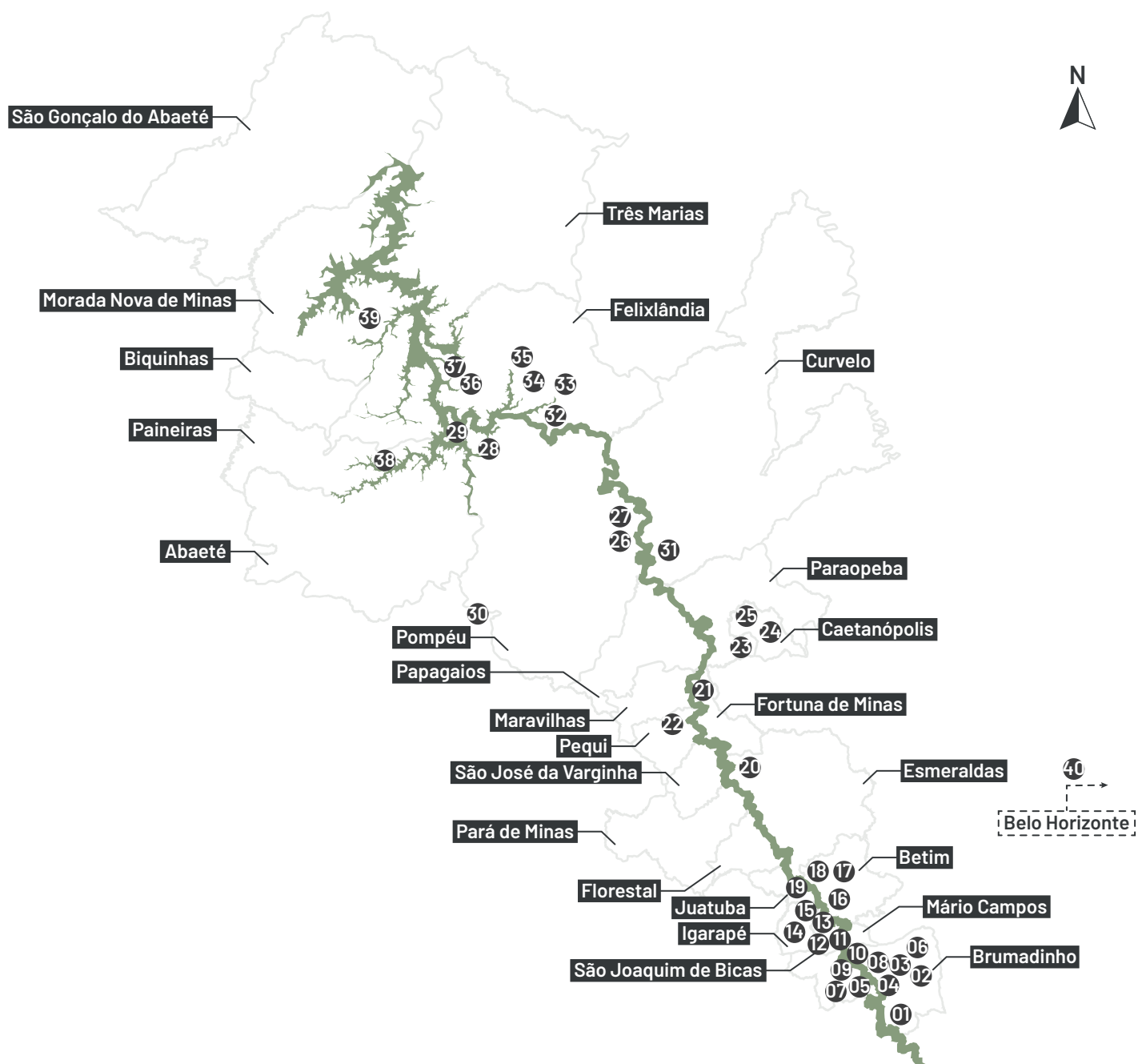
Cartografia das Vozes

NOME _____ PÁG.

01	Liziane.....	15
02	Cláudia.....	17
03	Luzinete.....	19
04	Wallisson.....	21
05	Sueli.....	23
06	Camila.....	27
07	Anastácia.....	29
08	Grazielle.....	31
09	Franks.....	33
09	André.....	35
10	Aparecida.....	39
11	Marcilene.....	41
12	Ronaldo.....	43
13	Cleber.....	45
14	Lourival.....	47
14	Maria Gorete.....	51
15	Eva.....	53
16	Kirty.....	55
16	Graceni.....	57
16	Dalete.....	59
17	Geralda e Ana Lucia.....	63
18	Luciana.....	65
19	Edvaldo.....	67
20	João.....	69
20	Ana Maria.....	71
21	Rogério.....	75

NOME _____ PÁG.

22	Tânia.....	77
23	Carlos Henrique.....	79
23	Lucineide.....	81
24	Dirceu.....	83
25	Maria do Carmo.....	87
25	João Batista.....	89
26	Delia Maria.....	91
27	Maria Deuzere.....	93
28	Alcilene.....	95
28	Maria Raimunda.....	99
29	Geraldo.....	101
29	Rosana.....	103
30	Otávio.....	105
30	Nivaldo.....	107
31	Márcia.....	111
32	José Raimundo.....	113
33	Carla.....	115
34	Dejaníro.....	117
34	Juliana.....	119
35	José Lourival.....	123
36	Rosana.....	125
37	Jouber.....	127
38	Viviane.....	129
39	Elci.....	131
40	Priscila.....	133



POSFÁCIO

Por trás da engrenagem complexa de um megaprojeto de reparação, existem trajetórias individuais que se cruzaram no compromisso de reconstruir vidas. Esta breve seção é dedicada à equipe da Fundação Getúlio Vargas que deu forma, ritmo e acolhimento ao Programa de Transferência de Renda. Longe de ser um esforço estritamente burocrático, a operação mobilizou um corpo multidisciplinar — integrando profissionais de áreas como direito, ciência de dados, logística e gestão de pessoas — em torno de uma missão essencialmente humana e coletiva.

Os relatos a seguir revelam os bastidores de um cotidiano intenso, marcado por prazos curtos, desafios operacionais em regiões isoladas e a imensa responsabilidade de processar milhares de requerimentos e operacionalizar pagamentos com rigor e segurança. Mais do que aplicar metodologias técnicas, esses profissionais estruturaram uma cultura institucional baseada na escuta ativa e na capacidade de acolher. Para muitos colaboradores, incluindo jovens em seu primeiro emprego e moradores da bacia afetada, o convívio diário com o território gerou um profundo aprendizado e transformou suas visões de mundo. Conhecer essas perspectivas demonstra que a gestão de processos só alcança sua verdadeira efetividade quando é guiada pelo respeito e pelo cuidado genuíno com o outro.



Equipe PTR

Alguns dos integrantes da equipe da FGV que atuou no projeto.

Foto: Veronica Manevy

Daniela Moshe

Coordenadora de Logística

O maior desafio foi a gente conseguir em locais bem inóspitos construir uma estrutura de acolhimento para que os atingidos pudessem ir buscar os seus direitos. Algumas locações foram muito difíceis os acessos. Foram detalhes que no final fizeram a diferença.

Izabel Nuñez

Coordenadora de Gestão

E é muito legal, porque é ver uma política pública sendo implementada na prática e é sobre fazer um processo de implantação de uma política pública de reparação. Ver acontecendo é muito gratificante.

Joelson Oliveira Sampaio

Coordenador de Recursos

O que tem, desde o início, me tocado bastante nesse projeto em específico é ver a contribuição que o projeto traz em termos de um programa mais amplo, de reparação de danos. O PTR faz parte de uma das diversas políticas de reparação de danos que tem para os atingidos de Brumadinho. E esses recursos ajudam essas famílias se reerguerem e continuarem suas vidas.

Luiz Lourenço de Mello Filho

Coordenador de Informação

A gente teve que desenvolver fluxo de trabalho, tivemos que padronizar dados, garantir a integridade das informações. A base [de dados dos cadastros] está toda dentro de um ambiente de alta segurança de dados da FGV. Mas para a gente foi algo muito prazeroso pelo fato de termos essa missão tão importante.

Marcela Galvani Borges

Coordenadora de Relacionamento

Tivemos várias experiências no território. Então, o que que foi mais importante para a gente foi trabalhar a escuta ativa das pessoas atingidas, trabalhar a presença contínua no território todo o tempo. É um programa feito por gente, por pessoas e para pessoas. Não é um programa de computador.

Rodrigo Gonçalves dos Santos

Coordenador Executivo

Atuar no PTR é uma experiência absolutamente inédita. É um projeto inédito na justiça, uma experiência sem precedentes no sistema de justiça brasileiro. É um projeto de dimensões muito significativas, muito expressivas. E para poder fazer com que um programa de renda dessa dimensão alcance a sua efetividade, você tem que dialogar com a população atingida.

André Luiz Murteira da Silva

Analista de Dados

Foi uma experiência nova porque o PTR não foi só o primeiro projeto que eu trabalhei, como foi meu primeiro emprego. Então foram muitas novidades e experiências boas.

Elimar Paixão Mello

Gerente de Auditoria

Era importante ter a humanização não só no atendimento, mas em toda cadeia de análise do benefício. Desde a pessoa que está apresentando o primeiro documento, na análise do benefício no pagamento e na revisão da auditoria desse benefício. Então, para mim, acho que foi o momento mais tocante do projeto.

Guilherme Varallo Caseiro

Analista de Dados

A gente fez um estudo que a gente comparava o pagamento do PTR ao PIB das cidades que recebiam. Nas cidades, por exemplo, que é 30% do PIB, vem do PTR. A gente está falando de 1/3 da economia da cidade totalmente movida. Para quem mora lá o PTR é muito significativo. Ele tem uma relevância muito grande na economia da cidade e 95% da população recebendo o PTR também não é pouco. Não imaginava fazer esse estudo, que era tanta gente, tanto dinheiro.

Isabella Faria

Analista de Processos

De uma forma geral, o que me tocou bastante ao longo de todo esse tempo foi ver a proatividade de toda a equipe do PTR. É de ver toda a disposição de todas as pessoas que atuam no projeto. Foi uma grande equipe que tive o prazer de trabalhar junto. Foi bacana ter essa experiência com a equipe do PTR.

João Pedro

Analista de Conformidade

Mudou totalmente a minha visão de mundo, porque a gente que mora em metrópole não tem dimensão do que um rio pode fazer na vida das pessoas. O Rio do Paraopeba alimentava muitas pessoas, movia a economia do local. Na verdade, move a do Brasil inteiro. Mas quando a gente vê regionalmente, o impacto é muito maior.

Letícia Barros Corrêa de Lima

Analista de Conformidade

Foi um projeto grandioso em todos os sentidos. E foi consenso na equipe de sempre fazer o melhor na análise dos beneficiários. O projeto é dinâmico e me deu oportunidade de participar de várias frentes". "Foi uma escola. Foi o primeiro emprego de muitas pessoas. Isso é um aspecto muito legal também.

Paula Gerbaudo

Gerente de RH

A gente trabalhou com diversidade. Isso era algo muito importante e continua sendo seja o número de mulheres, cor de pele, religião, nível social. Tudo que a gente conseguiu que estava ao nosso alcance para ter uma diversidade, nós colocamos.

Ryan Andrade Martini de Souza

Analista de Conformidade

Eu também atualizei cadastros e a vulnerabilidade social das pessoas me toca muito. Eles retratam o que estão passando antes do cadastro com demasiada dor. Eles falam dos problemas de saúde, o problema da água. Também já entrei em contato com familiar de vítima fatal, o que é muito triste também. Então, o que me toca são as histórias personalíssimas de cada pessoa.

Thays Gouveia

Atendente da Ouvidoria

Fiquei muito feliz mesmo de ser aprovada como estagiária, porque eu já sabia que ia ser um projeto muito importante. Foi muito importante para o meu amadurecimento profissional, autoestima e para minha evolução pessoal. Saber que eu estava fazendo a diferença foi muito importante para a maioria das áreas da minha vida.

Victória Brasiliense

Supervisora de Conformidade

Eu conhecia a região, pois sou de Minas Gerais, mas eu não conhecia tão bem quanto eu vim a conhecer com o trabalho no PTR. Às vezes, a gente não tem dimensão da realidade social do outro que está muito perto da gente. Isso me impactou muito: a vulnerabilidade da população que a gente estava prestando serviço.





Rio Paraopeba (MG)

Imagem aérea das margens do
Rio Paraopeba no município de
Esmeraldas (MG)

Foto: Rafael Diniz

Registro de Revisões

14/08/2026:

Pág. 49: Lucas Ragazzi é repórter do veículo "O Fator" e não de "Fator Real", como constava em primeira versão deste livro.

